

hostel
do trilhada



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ALESSANDRA DE NAZARÉ POMPEU

HOSTEL TRILHA DOURADA

BELÉM

2019

ALESSANDRA DE NAZARÉ POMPEU

HOSTEL TRILHA DOURADA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr.Ronaldo Nonato Ferreira Marques de Carvalho

BELÉM

2019

ALESSANDRA DE NAZARÉ POMPEU

HOSTEL TRILHA DOURADA

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo Prof. Dr. Ronaldo Nonato Ferreira Marques de Carvalho apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO EM: ___ / ___ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. RONALDO NONATO FERREIRA MARQUES DE CARVALHO

Orientador - UFPA

Prof. Msc. FABIO DE ASSIS MELLO

Examinador Interno - UFPA

Prof. Dr. JORGE LEAL EIRÓ DA SILVA

Examinador Interno - UFPA

À minha mãe por todo incentivo e ajuda para que esse
isso se tornasse possível.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela gentileza diária;

À Nossa Sra. De Nazaré, minha mãe, pela intercessão, pela proteção e por ter me dado força nos momentos mais difíceis;

Aminha amada avó, Maria de Castro (Sinharoca), por acreditar na educação e no amor, por acreditar na família e por ser ter sido sempre a base forte da minha vida;

Ao meu pai Joaquim, que foi o melhor pai e homem mais honrado que conheci na vida;

À minha mãe, por todo amor, força, cuidado, incentivo e principalmente pelas incansáveis horas dedicadas. Obrigada por me dar o que tenho de mais valioso: minha educação e meus princípios;

À Márcia, minha segunda mãe, e melhor amiga. Por ter cuidado, dado a melhor educação e por sempre fazer tudo com o maior amor que se pode dar;

Aos meus pequenos companheiros de vida, Layout e Penélope, por todo amor mais puro e fiel que se pode receber e pelas horas acordados ao meu lado;

Aos meus amigos e colegas de curso, que fizeram desses sete anos de FAU tempos repletos de boas recordações. Em especial à Michelle, Nathalia, Priscilla, Kenia, Max, Mayara, Bruna, Avner e Denilson pelos momentos de carinho e parceria;

Aos meus amigos da vida, Paula, Luciane, Luciana, Rafael, Rafaela, Raysa e Camila. Por todos os anos de amizade e por fazerem parte desse sonho que foi a graduação, pelo cuidado e por serem irmãos que a vida me presenteou;

Aos meus amigos que o Ciência sem fronteiras me deu, Tatiany, José, Maria e Priscilla. Por todo amor, carinho e parceria, que além de *Compañeros de piso*, foram minha família em Murcia. Obrigada pelas parcerias de viagens, pelos cuidados e por todas as horas de diversão, que fizeram do nosso intercambio um aprendizado para uma vida toda.

Ao professor orientador Ronaldo Carvalho, que aceitou orientar-me nesse projeto. Obrigada pelas conversas e por ajudar-me a acreditar no meu trabalho.

Sintam-se parte dessa conquista.

Muito, mas muito obrigada.

“Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver.”

Amyr Kink

(Mar sem fim, 2000, P.271)

RESUMO

Nos últimos anos o turismo cresceu em escala global, trazendo recursos para todas as esferas da sociedade, gerando assim uma rede de trocas de informações, culturas e disseminando atrativos locais. Um público que cresce muito com o passar dos anos é o que viaja em busca de aventura, maior contato com a natureza e diversão, e com isso buscando por locais e culturas inexploradas ou pouco exploradas. Assim, essa monografia busca atender as necessidades locais e anseios dos turistas, pois se trata de concepção de um anteprojeto de um *hostel* na praia vai-quem-quer, na Ilha de Cotijuba – PA, e o mesmo será justificado através de um estudo sobre viagens, turismo e tipologias de hospedagem.

Palavras – chave: *Hostel*, Ilha de Cotijuba, turismo, viagem.

RESUMEN

En los últimos años, el turismo ha crecido a escala mundial, aportando recursos a todas las esferas de la sociedad, generando así una red de intercambios de información, culturas y difundiendo atracciones locales. Por otro lado, una audiencia que crece mucho a lo largo de los años es el viaje de aventura, un mayor contacto con la naturaleza y la diversión. Con esta suposición, esta monografía busca satisfacer las necesidades y deseos de los locales, y de los turistas, ya que es la concepción de un proyecto preliminar de un *hostel*, en la playa Vai-quem-quer, , en la Isla de Cotijuba - PA, y se justificará a través de un estudio sobre viajes, turismo, y tipologías de hospedaje.

Palavras-clave: *Hostel*, Isla de Cotijuba, turismo, viaje.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	11
1.1	INTRODUÇÃO	11
1.2	JUSTIFICATIVA	13
1.3	OBJETIVO GERAL	14
1.3.1	Objetivos Específicos	15
2	REFERENCIAL TEORICO	16
2.1	TURISMO NA AMAZÔNIA	16
2.2	O ALBERGUISMO	23
2.3	TIPOLOGIAS DOS ALBERGUES	28
2.4	SUSTENTABILIDADE NO TURISMO	32
3	REFERÊNCIAS PROJETUAIS	38
3.1	HOTEL KATAMAMA – BALI, INDONÉSIA	38
3.2	CASA DE PRAIA – VICTORIA BEACH, CANADÁ	39
3.3	HOTEL HEDULIPADDY – GUANGDONG, CHINA	40
4	CONTEXTO URBANO – ILHA DE COTIJUBA	48
4.1	HISTÓRICO	49
4.2	LOCALIZAÇÃO	54
5	DIAGNÓSTICO DA ÁREA	55
5.1	TERRENO E ENTORNO	55
5.2	LEGISLAÇÃO	50
6	PROJETO	58
6.1	PROGRAMA DE NECESSIDADES	52
6.2	DESENHOS TÉCNICOS	56
6.2.1	Planta de Situação	56
6.2.2	Planta de Locação/Cobertura	57
6.2.3	Planta Baixa Pavimento Térreo	58
6.2.4	Planta Baixa Segundo Pavimento	59
6.2.5	Planta de Layout Térreo	60
6.2.6	Planta de Layout Segundo Pavimento	61
6.2.7	Cortes	62
6.2.8	Elevações	63

6.2.9	Imagens 3D – I	64
6.2.10	Imagens 3D – II	65

7 CONSIDERAÇÕES FIINAIS

REFERÊNCIAS

1 APRESENTAÇÃO

1.1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o turismo tem se posicionado como um dos maiores segmentos econômicos no Brasil e no mundo. Segundo informações do Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), o turismo se configura como uma atividade que gera anualmente US\$ 4 trilhões e aproximadamente 280 milhões de empregos em todo o mundo.

A Organização Mundial do Turismo (OMT) destaca o fato de que o turismo enriquece indivíduos, famílias e comunidades inteiras, tratando-se da maior atividade do comércio internacional, empregando milhões de pessoas, direta ou indiretamente, em hotéis, transportadoras, locadoras de veículos, lavanderias, agências turísticas, lojas de souvenirs, restaurantes, fazendas, artes e artesanato, entre outros, e reunindo, ao todo, cerca de 56 segmentos da economia.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (1999), a motivação e a conduta dos turistas se caracterizam, cada vez mais intensamente, pelo crescimento da seletividade ao escolher o destino, da sensibilidade pelo meio ambiente, cultura locais e pela exigência de qualidade da experiência. Diante disso, a busca por meios de hospedagens que venham integrar-se com a natureza e com a cultura local, e que ofereça conforto, segurança, de forma econômica e como princípio básico de respeito à natureza, vem atraindo muito mais o interesse dos turistas.

Portanto, o projeto arquitetônico, produto deste trabalho, trata-se de uma nova alternativa de hospedagem frente às existentes: Um *Hostel*, na Praia do Vai-quem-quer, na Ilha de Cotijuba (PA), Ilha que já tem um potencial turístico alto, e grande valor histórico e cultural para o município de Belém. Buscando reforçar a importância das ilhas, incentivar o crescimento e promover integração do espaço natural com o urbano de forma sustentável.

O trabalho será estruturado em seis partes, organizados segundo enfoques específicos à respeito do tema. De início, a apresentação, que será o capítulo introdutório onde serão apresentados o tema e a justificativa para sua escolha, os

objetivos gerais e específicos à serem alcançados, bem como metodologia de pesquisa e projetual adotada no desenvolvimento do trabalho.

Na segunda parte será o referencial teórico, capítulo de reflexões acerca da prática de viajar, considerando um breve estudo sobre o turismo em perspectiva global e local, a evolução histórica do alberguismo, e enfatizar o turismo sustentável na Amazônia.

Na terceira parte, serão mostradas algumas referências projetuais, que reúne estudos de casos internacionais e nacionais, cujos conceitos, ideias e aspectos servirão de apoio para o desenvolvimento do projeto.

Na quarta parte, será o capítulo dedicado ao estudo do contexto urbano, onde será apresentado o histórico da Ilha de Cotijuba, a praia do Vai-quem-quer, avaliando a situação atual para uma compreensão do contexto urbano no qual o projeto se insere.

No capítulo cinco, será o diagnóstico, que traz um estudo da área de intervenção no terreno e seu entorno, assim como da legislação vigente que justifica a implantação da proposta, considerando os parâmetros urbanísticos aos quais o local está submetido. E no sexto, projeto, mais especificamente, as premissas projetuais, onde será apresentado o programa de necessidades e suas principais características.

1.2 JUSTIFICATIVA

Segundo Sales (2017), no Brasil, o potencial de desenvolvimento turístico tem colaborado intensamente para a consolidação dos avanços sociais e econômicos do país. Mesmo com uma grande complexidade territorial, a melhor distribuição de renda e um intenso programa de iniciativas públicas contribuíram em larga escala para a popularização do Mercado turístico. Além disso, o progressivo barateamento das passagens aéreas, os incentivos ao turismo rodoviário e marítimo, bem como o surgimento de meios alternativos para a organização de viagens alavancam a representação desse segmento.

O turismo passa, atualmente, por um período caracterizado por uma nova sensibilidade, na qual se discute a necessidade do controle do turismo de massa e o desenvolvimento de outras formas, como a “alternativa”, “branda” e “responsável”. O turismo ecológico se insere nesse contexto e, seguindo a orientação dos demais que pregam a conservação da autenticidade dos meios naturais e das comunidades receptoras para as gerações futuras, encontra no desenvolvimento do turismo sustentável uma das alternativas para a conservação dos recursos naturais (RUSCHMANN, 1993).

O tema escolhido para ser desenvolvido neste trabalho, é um Albergue da Juventude mais conhecido como *hostel* (além de serviços, como, restaurante, bar, pub, e ponto comercial). Buscando reconhecer o *hostel* como uma hospedagem alternativa, de tarifas reduzidas e de qualidade e compreendê-lo como uma possibilidade de relação entre o turismo e a melhoria do espaço urbano, fundamentalmente pela falta de investimentos nas ilhas pertencentes ao município de Belém(PA), buscando assim expandir a concentração de serviços e meios de hospedagem que hoje, são restritos ao centro urbano da cidade.

1.3 OBJETIVO GERAL

Conceber um *Hostel* na Ilha de Cotijuba, mais especificamente na praia vai-quem-quer, na região das ilhas que fazem parte do município de Belém(PA). Como alternativa para diversificação da oferta hoteleira em Belém, propondo um novo tipo de hospedagem nas ilhas, a fim de despertar o interesse e atender a demanda de um tipo de hospedagem integrada à natureza, econômica, confortável e sustentável.

1.3.1 Objetivos Específicos

- Compreender o potencial turístico nas ilhas do Pará (Amazônia) de forma sustentável, evidenciando as novas formas de hospedagem;
- Fortalecer o turismo na Ilha de Cotijuba, de forma sustentável e com um tipo de hospedagem acessível e de qualidade;
- Criar espaços de hospedagem que proporcionem uma estadia econômica e confortável aos hóspedes, bem como espaços de interação social, cultural e intelectual para os turistas e habitantes da localidade, promovendo um meio de integração com o espaço natural e urbano.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TURISMO NA AMAZÔNIA

O VIAJAR

Desde os primórdios as experiências humanas de fuga e exílio estão relacionadas aos deslocamentos que deram origem às viagens. O homem buscou novas perspectivas de si mesmo e do mundo e como viajante descobriu que explorar novos lugares proporciona aprendizado, motivação e fortalecimento. Sempre existiram motivações para viajar, pois a necessidade de conhecer novas culturas e sair da zona de conforto faz parte da essência humana (SALES, 2017).

Antigamente, as viagens internacionais e até nacionais, principalmente em países com extensas dimensões geográficas como o Brasil, demandavam tempo e investimentos altos, impedindo o acesso de boa parte da população. Ao longo dos anos, esse cenário tem passado por mudanças. Com a globalização, houve um desenvolvimento tecnológico em vários setores do turismo e dos transportes, viabilizando também o progressivo barateamento das passagens aéreas. O aumento da renda familiar e a melhor distribuição de renda permitiram que, no século XX, as viagens se tornam um produto de consumo acessível.

Segundo Fagundes (2008), atualmente a motivação geral para viajar e a necessidade de recarregar as energias para retornar as atividades do cotidiano. Enquanto viajante, o turista se distancia da rotina e suas preocupações se resumem a contemplar a natureza, aproveitar o clima e a cultura do local visitado. Já Buzelli (1994) acredita que existem motivações específicas para cada turista; por intenções materiais, quando se viaja a negócios ou comércio desenvolvimento de serviços, negociações, trabalhos ou conflitos e amigos, viagem de casais; ou culturas e intelectuais, para participar de congressos, curso, seminários, exposições e outros. Entretanto, em ambas as opiniões, identificam-se a necessidade de se deslocar e de estar ausente no cotidiano.

De fato, a sociedade contemporânea vive em constante movimento e é marcada pela correria do dia-a-dia repleto de propósitos, cobranças e obstáculos. Dessa

forma, boa parte da população aproveita o tempo livre, feriados ou férias escolares para viajar e fugir da rotina frenética. Hoje, há uma necessidade de viajar evidente, comprovada pelos congestionamentos nas rodovias e pelas lotações aeroportos.

Essa necessidade de viajar, percorrer ou perambular é expressa pelo termo de origem inglesa *wanderlust* que significa sede por viagem e é fundamental a compreensão da filosofia alberguista. Na Alemanha esse termo representava uma tradição entre artistas e estudantes da Europa Central, e fazia referência ao desejo por liberdade, ao retorno às raízes populares, às experiências de socialização entre os viajantes e os nativos e a boa convivência entre as pessoas (BAHLS, 2015).

PANORAMA GERAL DO TURISMO

Para a OMT, em 2008, 922 milhões de turistas circularam pelo mundo. Há apenas três décadas, esse número não ultrapassava 277 milhões. A evolução dos transportes, das telecomunicações e a globalização da economia foram grandes impulsionadores das viagens – e fizeram o turismo se transformar em uma das atividades econômicas que mais crescem no mundo e um dos principais pilares do comércio internacional. A renda total gerada pelo turismo internacional em 2008 alcançou US\$1,1 trilhão e respondeu por 30% de todas as exportações de serviços do mundo. Esse crescimento veio acompanhado de uma mudança expressiva nos roteiros de viagens. Regiões emergentes, como a América do Sul, vêm despontando como destino de um número cada vez maior de viajantes. Em 1950, apenas 3% dos turistas dirigiam-se para fora dos 15 principais países receptores (países da Europa, Estados Unidos, Canadá e México). Em 1990 esse índice chegou a 31% e em 2008 alcançou 45% das chegadas de turistas internacionais.

Esse quadro, ainda em desenvolvimento, exige dos países grande ofensiva de marketing para disputar o mercado – que deve movimentar 1,6 bilhões de turistas pelo mundo em 2020, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT). Essa previsão foi mantida mesmo com as dificuldades vividas em 2009, ano em que a crise econômica global trouxe conseqüências para o setor em praticamente todo o mundo. Mas, no período de julho/agosto, assim que começaram a aparecer sinais de abrandamento da crise, já se observou a desaceleração da queda no turismo

internacional que se iniciara no segundo semestre de 2008. Ainda segundo a OMT, a América do Sul é uma das regiões que vêm apresentando melhor desempenho dentro desse quadro, com previsão de encerrar o ano com queda de 1%, contra uma média de 5% nos números globais.

Segundo Sales (2017), o Brasil, destino líder nesta região, em grande parte tem sido responsável, historicamente, pelo crescimento e consolidação da América do Sul. A realização de megaeventos esportivos, como em outras partes do mundo, certamente consolidará essa posição e será uma oportunidade sem precedentes para que o país cresça, nos próximos anos, em índices acima da média mundial e também superiores aos sul-americanos.

Sales (2017), diz ainda que nos últimos anos, o turismo global foi de crescimento constante. Segundo estudos da Organização Mundial do Turismo (OMT), em 2015, o setor cresceu pelo sexto ano consecutivo e representa um total de 9,8% do PIB mundial (US\$ 7,2 trilhões). Além disso, a chegada de turistas internacionais alcançou o recorde de 1,18 bilhão, o que representou 50 milhões a mais de turistas internacionais. De acordo com os dados do World Travel&TourismCouncil (WTTC), a indústria do turismo cresce 4% ao ano e gera 266 milhões de empregos diretos e indiretos no mundo. O setor suporta 284 milhões de pessoas no mercado de trabalho, o que significa uma média impressionante: 1 em cada 11 empregos no mundo é do turismo.

Nesse contexto, o turismo pode ser considerado, não somente o maior setor do mundo, mas também o que mais cresce. Acreditando nesse panorama, a OMT mantém sua previsão de quase 1,6 bilhão de turistas pelo mundo até 2020. Trata-se, portanto de um setor de serviços que pode contribuir estrategicamente com a geração de oportunidade de emprego e renda, uma vez que se caracteriza como a geração de oportunidade de emprego e renda, uma vez que se caracteriza como uma atividade econômica que demanda baixo investimento para a criação de unidades de trabalho, além de proporcionar diversidade, empregando os diferentes níveis de formação.

Com isso, a atividade turística promove também melhoria nas condições de vida da população residente na região onde se encontram os recursos turísticos,

Para que o turismo se desenvolva no local, se faz necessária a implantação de uma infra-estrutura básica, se tornando, portanto, um legado para uso não só dos turistas, mas também para os moradores da região.

Percebe-se assim que o turismo é o segmento com grande potencial de desenvolvimento socioeconômico e de fomento ao trabalho. Entretanto, o turismo também contribui para as práticas socio espaciais, trazendo novos usos e arranjos urbanos. Vale ressaltar, portanto, que na situação atual do Brasil, marcada ainda por diversos problemas como desemprego, desigualdade e exclusão social, o turismo se qualifica como um importante fator-chave de progresso para o País.

ESTRUTURA E ATRATIVOS PARA O TURISMO LOCAL

Tendo como referência a natureza do atrativo ao turista, a atividade turística ganhou outras dimensões, dando origem a várias ramificações ou denominações, tais como: turismo rural, ecoturismo, turismo de natureza, turismo de aventura, turismo científico entre outras modalidades. (SOCIEDADE PLANETA VIVO, 2008).

O discurso à respeito da promoção e organização do espaço turístico amazônico é uma prática recente. As primeiras retóricas podem ser percebidas nas palavras do ex-presidente general Humberto Castelo Branco (1964/1967) durante a solenidade de instalação da I reunião de incentivo ao desenvolvimento da Amazônia, buscava ações para o desenvolvimento e integração da região (SUDAM, 1968).

Dois anos mais tarde, desta vez durante a reunião de instalação do conselho deliberativo da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), o coronel engenheiro João Walter de Andrade anunciava um apoio indireto às principais portas de entrada desta floresta. O seu interesse em reconstruir e modernizar os aeroportos das capitais amazônicas visava fornecer subsídios aos vôos internacionais (SUDAM, 1968). O reaparelhamento dos portos e a construção de outros haviam privilegiados as cidades de Belém, Manaus, Santarém e Maranhão, como estratégicas para o incentivo da mobilidade de pessoas e mercadorias na região.

Estas ações influenciaram indiretamente na atração espontânea de uma oferta hoteleira para as margens dos eixos de integração. A abertura dos trechos Belém/São Luiz; Belém/Brasília; Cuiabá/Santarém; Cuiabá/Porto Velho; Porto velho/Manaus e Manaus/Boa Vista, atraiu não só a instalação de um posto de gasolina a cada 70 km em média (SUDAM, 1978), mas também a atração de estruturas de hospedagens e restaurantes para os viajantes. Mesmo que alguns destes precários hotéis visassem atender às eventuais pessoas que trafegassem pelas precárias estradas amazônicas, outros equipamentos hoteleiros se beneficiavam da facilidade do acesso para estimular uma prática turística pouco convencional na época.

Face ao déficit de infra-estrutura e equipamentos turísticos que caracterizava a Amazônia, foi proposto um modelo micro-local chamado de complexos turísticos. Este é compreendido como um *“conjunto de equipamentos turísticos agrupados, definidos por um programa e um contexto geográfico com ou sem limites territoriais precisos”* (SUDAM, 1978 b, p.96).

Partindo de uma lógica de urbanização de zonas com potenciais turísticos, os diferentes contextos geográficos foram identificados e registrados como prioridades do plano. Assim, os complexos turísticos seriam uma solução para a diversificação dos fluxos turísticos, sem prejudicar a demanda já existente na região (SUDAM, 1978). A mobilidade de pessoas e capitais deveria igualmente atrair os interesses imobiliários e uma ampla especulação das potencialidades existentes.

Os meios de hospedagem estão localizados majoritariamente nos municípios de Belém, Santarém, Altamira, Salinópolis e Marabá (PARÁ, 2001). É no município de Belém onde está a maior quantidade das agências de viagens e transportadoras turísticas. É na capital paraense 208 que está, também, a melhor estrutura aeroportuária e as condições técnicas, de espaços físicos e de recursos humanos para realização de eventos de distintos porte e categoria, cujo destaque é, entre outros, o Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia.

A Chias Marketing ouviu, ainda, outros atores com o objetivo de caracterizar a posição do produto Pará no mercado local, nacional e internacional e de perceber a

visão do trade turístico nacional e internacional sobre tal produto. Consta, no Plano Ver-o-Pará (PARÁ, 2012b), a oitiva de representantes das 148 agências e operadoras de viagens e turismo paraenses cadastradas na PARATUR; de 59 representantes de agências e operadoras de turismo das cinco regiões brasileiras; e de representantes de 74 operadoras de turismo de países das Américas, da Europa e da Ásia.

Quanto à política turística paraense, o governo do estado definiu, em 2011, uma agenda mínima, denominada Pacto pelo Pará, de compromissos a serem realizados no quadriênio 2011/2014. Nela “[...] o turismo foi contemplado com R\$110 milhões que serão investidos nos projetos [de interesse do turismo]” (PARÁ, 2012b, p. 51). Eram ao todo 13 projetos/ações, sendo oito de responsabilidade direta da PARATUR e cinco de outros órgãos do governo, mas que beneficiam indiretamente o turismo.

Os atrativos culturais do Pará são bastante diversificados. Vale ressaltar o patrimônio arquitetônico, com maior expressão nas cidades de Belém, Óbidos, Vigia, Santarém e Bragança; o arqueológico em Monte Alegre, Marajó e Serra das Andorinhas. Há, ainda, a própria história do estado, que possibilita o “[...] intercâmbio e geminação de cidades luso-brasileiras” (PARÁ, 2001, p. 11).

Destaca-se ainda, o artesanato paraense, sendo as cerâmicas marajoaras e tapajônica as mais conhecidas; e o folclore paraense, representado, entre outros, pelas danças e músicas populares típicas como o Carimbó, o Xote bragantino, a Marujada e o Brega, techno brega. A gastronomia regional de paladar marcante, com pratos e frutos da região. vale lembrar, também, dos espaços como a Estação das Docas, o Mangal das Garças, os Complexos Ver-o-Rio e Feliz Luzitânia, o Parque da Residência e o Portal da Amazônia. E exercem a função tanto de atrativo quanto de equipamento turístico.

De acordo com a PARATUR (PARÁ, 2001), em relação às atividades econômicas destaque para a pesca tradicional; o extrativismo vegetal (açaí, principalmente) e animal (camarão, caranguejo e mexilhão/sururu); e a produção de farinha de mandioca, que constitui um atrativo a parte dado seu processo produtivo. Como exemplo das realizações técnicas, científicas ou artísticas cita-se, entre

outros, o Planetário Sebastião Sodré da Gama, a Alça Viária e o Instituto Evandro Chagas, em Belém; a Estação Científica Ferreira Penna, em Melgaço (ilha do Marajó); e o Centro Nacional de Primatas, em Ananindeua. O Círio de Nazaré, em Belém; o Festival das Tribos, em Juruti, também chamado de Festival; e o Festival Folclórico do Çairé (ou Sairé) são alguns dos eventos permanentes doPará.

Os meios de hospedagem estão localizados majoritariamente nos municípios de Belém, Santarém, Altamira, Salinópolis e Marabá (PARÁ, 2001). É no município de Belém onde está a maior quantidade das agências de viagens e transportadoras turísticas. É na capital paraense 208 que está, também, a melhor estrutura aeroportuária e as condições técnicas, de espaços físicos e de recursos humanos para realização de eventos de distintos porte e categoria, cujo destaque é, entre outros, o Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia.

Dada a diversidade dos atrativos turísticos existentes no Pará, é possível o desenvolvimento de vários segmentos do turismo, a exemplo do turismo de negócios e eventos, do ecoturismo, turismo rural, cultural, religioso, turismo de aventura e de sol e praia. Ademais dos roteiros Amazônia do Marajó, Amazônia Quilombola e Amazônia Selva e História, prioritários no âmbito do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, há mais 09 (nove) destinos turísticos nos estados, nominados rotas ou roteiros (PARÁ, 2013). Por fim, em se tratando dos equipamentos e serviços turísticos, de acordo com a PARATUR (PARÁ, 2001; 2013), estes são esparsos, de porte pequeno e de propriedade familiar. O volume de negócios é reduzido, salvo exceções. E estão centralizados em alguns poucos destinos turísticos, a exemplo deBelém.

2.2 O ALBERGUISMO

Com a necessidade diante do crescimento que contribuía para o desenvolvimento e a expansão do turismo no mundo, e expõe uma gama inefável de importantes meios de hospedagem, dentre eles, há um segmento que está em

constante crescimento e difusão, os albergues, estabelecimentos que oferecem hospedagem econômica e com serviços diferenciados.

O surgimento dos primeiros hotéis possui diversas versões dados por autores do segmento de hotelaria. Para Serafin (2005), os Jogos Olímpicos na Grécia antiga foram os responsáveis pela implantação da primeira hospedaria para abrigar os visitantes de várias localidades que iam prestigiar os jogos. De acordo com Andrade, Brito e Jorge (2007), o responsável histórico pelo início da oferta hoteleira foi o comércio praticado na Antiguidade. As rotas comerciais existentes na Ásia, Europa e África, geravam núcleos urbanos e centros de hospedagem para o acolhimento dos viajantes interessados nonegócio.

Durante o Império Romano houve a expansão das fronteiras, das rotas comerciais e militares em toda a região dominada pelos romanos. Novos tipos de hospedagem surgiram com o objetivo de abrigar e alimentar os viajantes entre as fronteiras, como o *stabulum*, que funcionava como acomodação para o viajante e tratamento da montaria; as *mutationes*, mantidas pelo Estado e destinadas à troca de animais e ao repouso dos viajantes; as *masiones*, destinadas a abrigar as tropas militares em marchas, e as *tabernas*, onde eram vendidos produtos da terra, comidas e bebidas (CNC, 2005). Após a queda do Império Romano e a expansão do Cristianismo, a oferta de hospedagem se baseava principalmente em mosteiros e abadias, sendo o atendimento aos viajantes uma obrigação moral e espiritual (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2007).

O símbolo da hotelaria no século XIX foi o suíço César Ritz, com a construção em 1870 do Hotel Ritz, em Paris, considerado o primeiro estabelecimento hoteleiro planejado. Dentre as inovações do estabelecimento, estavam o quarto com banheiro privativo (suíte) e a uniformização dos empregados (SERAFIN, 2005).

No Brasil, o início do que podem ser considerados os primeiros alojamentos apareceram com as expedições lideradas pelos bandeirantes com o objetivo de povoar o território brasileiro. Os caminhos abertos fizeram surgir os primeiros ranchos, a princípio bem rústicos e improvisados à beira das estradas. Os ranchos abrigavam os viajantes e podiam ser comparados às estalagens européias (CNC, 2005).

A chegada da corte portuguesa no Brasil em 1808 e a abertura dos portos às nações amigas no mesmo ano, representaram um marco fundamental para o desenvolvimento da hotelaria na cidade do Rio de Janeiro. Com o grande contingente de pessoas que chegavam, era preciso uma estrutura que pudesse abrigar toda essa demanda (CNC,2005).

Para suprir a escassez de hotéis que pairou no séc. XIX no Rio de Janeiro e se estendeu até o século seguinte, o governo adotou medidas que pudessem suprir a alta demanda por meios de hospedagem. Em 1904, foi aprovada a primeira lei de incentivos fiscais para a construção de hotéis no Rio de Janeiro, até então Distrito Federal. Três anos mais tarde, foi criada outra lei, dessa vez que isentava por seteanos de todos os impostos municipais, os cinco primeiros grandes hotéis que se instalassem na cidade (SERAFIN, 2005). Em 1908, foi inaugurado o Hotel Avenida, incentivado pela lei de isenção fiscal de 1907. Ele foi considerado até então o maior hotel do Brasil, com 220 quartos .Em1957 oHotel Avenida é demolido para dar lugar ao Edifício Avenida Central (SERAFIN,2005).

Neste contexto, muitos outros foram surgindo em diversos países e continentes para suprir tais necessidades, e começaram com o nome “hostel” e uma enorme cadeia se gerou a Hostelling International, com a ideia inicial, presente até hoje, deque todos os que se afiliarem têm que abrir estabelecimentos hoteleiros seguindo a mesma premissa de visão em relação missão, filosofia e princípios.

A distribuição da hotelaria brasileira é irregular e concentrada: um terço dos quartos localiza-se nas dez maiores cidades do país, dos quais Rio e São Paulo respondem sozinhos por 16% do mercado. Independentemente dos grandes eventos que acontecerão no país, que devem acelerar ainda mais os investimentos, o mercado cresce a taxas de 20% ao ano (STEINBERG,2014a).

Nascem também, outras vertentes deste serviço com as mesmas propostas de hospedagem, de um lado oferecendo serviços básicos por tarifas econômicas e hotéis de grande porte detentores de serviços altamentequalificados.

Em um mercado global competitivo como o atual, as empresas procuram definir o seu mercado e, assim, especializar-se para oferecer ao público produtos eserviços diferenciados (CLARKE; CHEN, 2007). E com a hotelaria, o surgimento de

novas categorias de hotéis é justamente a consequência da segmentação do mercado.

Os hostels são um meio de hospedagem alternativo com cunho social de extrema importância e significativa participação econômica para o turismo (UNWTO, 2010). Eles encontram-se dentro do campo da hospitalidade e, conseqüentemente, dos meios de hospedagem, mas não dentro da hotelaria, pois são meios de hospedagem únicos, com filosofia, características físicas e serviços diferenciados (BAHLS, 2015; COBURN, 1950; GIARETTA, 2003; TROTTA, 1978).

O caminho traçado pelos albergues da juventude, apesar de possuir similaridades, é distinto do da hotelaria (GIARETTA, 2003). Possui em sua fundação histórica o conceito da hospitalidade genuína, o qual dá origem ao primeiro meio de hospedagem dessa tipologia em Altena, Alemanha, em 1912 (COBURN, 1950). Após sua criação, a ideia de um local que pudesse abrigar jovens viajantes, promover o entendimento entre culturas, a conservação do patrimônio e do meio ambiente, decolou rapidamente (HEATH, 1962).

Apesar de sua importância socioeconômica, o MTur não contempla os hostes em sua nova matriz de classificação, por serem considerados meios de hospedagem coletiva e não individual, não havendo menção a eles no Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass) (SEBRAE, 2014). Em contato com o MTur, a organização simplesmente afirma que no “novo sistema serão sete matrizes, para os tipos: Hotel, Resort, Cama & Café, Hotel Fazenda, Hotel Histórico, Pousada e Flat/Apart-Hotel. Nesse primeiro momento, os albergues não entraram na classificação” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2014). Além disso, os estudos científicos sobre o tema no Brasil encontram-se em estágio embrionário (FEDRIZZI, 2008; SANTOS; REJOWSKI, 2013).

Com a pretensão de ter uma posição estratégica no mercado, os empreendimentos desde a sua criação devem ter uma visão de qual público querem atingir, e a partir desta definição, elaborar estratégias para satisfazer e fidelizar o cliente.

Para Normandie (2004 apud MOTTA et al., 2007), o conceito de hotel design surgiu nos Estados Unidos, no início da década de 1990, com a reforma do antigo

Hotel Royalton, posteriormente chamado Hotel Paramount, em Nova Iorque. Ian Schranger, proprietário do hotel, pediu ao designer francês Philippe Starck, reconhecido mundialmente por sua ousadia, para criar um espaço totalmente novo, diferente de tudo o que mercado hoteleiro já havia conhecido.

Há estudos que contemplam uma breve conceptualização dos hostels em suas fundamentações teóricas, mas não vão a fundo na essência destes. Muitas vezes abordam esse meio de hospedagem de forma superficial e equivocada, definindo-o como um meio de hospedagem econômica que visa prover apenas o mínimo de conforto, higiene e segurança aos hóspedes (CAMPOS, 2005). Sabe-se que os hostels vão muito além disso e são, em sua essência, um local de interação e entendimento entre pessoas (BAHLS, 2015; COBURN, 1950; GIARETTA, 2003; HEATH, 1962). Esses equívocos podem ocorrer pelo preconceito perante esse recente meio de hospedagem alternativo e pela falta de estudos relacionados à origem e conceptualização dos hostels.

Há indícios de que o estágio embrionário e o “preconceito” com o tema, desde a gestão à pesquisa, se dá, primeiramente, entre outros fatores, à relativa recente chegada desse meio de hospedagem ao Brasil (década de 1960-70) em comparação a outros países americanos (E.U.A. e Canadá na década de 1920). Em um segundo momento, os hostels são vistos, por parte da literatura tradicional em meios de hospedagem (BRAGA, 2003; FERREIRA, 1975; FERRI; RUSCHMANN, 2000;

GARCIA, 2004; VIEIRA; CÂNDIDO, 2003), como apenas uma opção simplória e econômica aos hotéis convencionais, oferecendo acomodações com um mínimo de conforto, higiene e segurança a pessoas em viagens com baixo orçamento financeiro.

Na verdade, os hostels vão muito além de proporcionar acomodação a baixo custo e há, atualmente, opções de alto custo, considerados hostels boutiques, que oferecem acomodações com alto padrão e refinamento tanto em sua estrutura física como em seus serviços. O que difere, essencialmente, um hotel de um hostel, é que o último é um meio de hospedagem comum a gênese totalmente única e diferenciada e, portanto, raízes filosóficas diferentes dos hotéis, pois os hostels procuram a sociabilização dos hóspedes, em primeiro lugar, assim como o contato

dos visitantes com a cultura do local visitado (BAHLS,2015 ;COSTA; FRANCO; HOFFMANN,2013; GIARETTA, 2003; HEATH, 1962; HOSTELLING INTERNATIONAL, 2014; NASH; THYNE; DAVIES, 2006; PEARCE; FOSTER, 2007; TROTTA, 1978; UNWTO, 2008).

2.3 TIPOLOGIAS DOS ALBERGUES

Segundo Bahls (2018), os vastos tipos de meios de hospedagem, os albergues, trazem a necessidade de entender a evolução da hotelaria pois os albergues não foram sempre parecidos. Desde seu nascimento, já passaram por diversas modificações, conforme a evolução dos meios de hospedagem.

O conceito mundial de albergue da juventude foi idealizado em 1909, na Alemanha, por Richard Schirrmann (1874-1961), professor da cidade de Altena, que defendia as excursões e caminhadas ao ar livre pelo interior da cidade com os estudantes, em detrimento ao ambiente fechado das salas de aula. Ele gostava que seus alunos vivenciassem e aprendessem na prática o que estudavam em sala de aula, tornando-os mais maduros e preparados para lidar com as adversidades do cotidiano. O professor e seus alunos costumavam se alojar em fazendas pelo caminho somente para dormir durante as excursões pelo interior. Os alojamentos já eram previamente agendados por Schirrmann, assim como todo o deslocamento que era previamente definido.

Se existe uma afirmação que se pode fazer sem medo, é que a indústria hoteleira está em constante mudança. No início da história do desenvolvimento dos meios de hospedagem, segundo Chon e Sparrowe (2003), os estabelecimentos eram hospedarias, tabernas, estalagens, sem muitos serviços agregados e com valores baixos. Com o passar dos anos, esses meios de hospedagem se adaptaram de acordo com as mudanças de fatores externos, por exemplo, o desenvolvimento dos meios de transportes, prosperidade econômica, criação de novas tecnologias entre outras. Dessa maneira, as instalações e as características desses empreendimentos passaram por diversas adaptações até chegar à estrutura segmentada que temos hoje.

A hotelaria comercial, da maneira com que se compreende hoje, teve origem a partir da relação entre o hóspede e o hospedeiro, que existe desde as primeiras sociedades criadas, quando essa relação era dada apenas pelo fato de um

hospedeiro se sentir honrado em receber o hóspede, oferecendo alimentação, segurança e entretenimento. O hóspede, por sua vez, sabendo que ser recebido era uma honra, tinha que retribuir, respeitando os costumes e valores dos hospedeiros (CLARKE; CHEN, 2008,p.5).

O turismo necessita de equipamentos que servem para hospedar os turistas, e, de acordo com Silva (et. al., 2011, p. 77) “esses empreendimentos são considerados de acordo com as suas características como hoteleiros e extrahoteleiros.” Para Montejano (2001) em Silva (et.al.2011,p.161) são “estabelecimentos mercantis que prestam diversos tipos de alojamento distintos dos que oferecem os hotéis, devido a sua diferente ordenação legal, infraestrutura, preços e serviços.” Já para Giaretta (in TRIGO, 2005) é, a capacidade para a infraestrutura de hospedagem no destino e, muitas vezes, até uma oferta de lugar para dormir.

Em 1690, de acordo com Grassi (2011), o sentido pejorativo do termo *auberge* muda e perde, de certa forma, a força em relação ao preconceito arraigado ao nome, porém, a palavra não se torna sinônimo de hospedaria “casa onde se dá de comer”, como muitos pensam e na literatura fala-se mais de “cenas albergues”, conotado como lugar de aventuras, de encontros inesperados e mais ou menos recomendáveis, onde tudo é possível.

O primeiro Hotel, foi construído em 1794, na América, chamado de City Hotel, com 27 unidades habitacionais no qual, pagando apenas o equivalente a R\$2,00 o cliente tinha direito a passar a noite e a quatro refeições. Casas semelhantes a essa eram chamadas de *publighthouse*, embora não fossem ainda meios de hospedagem profissionais semelhantes aos hotéis atuais. O que se sabe é que, do City Hotel em diante surgem diversas tipologias distintas de meios de hospedagem. (Chon e Sparrowe, 2003).

Quando falamos de meios de hospedagem, existe uma variedade de tipologias, pois paulatinamente se enquadraram em uma tipologia pretendendo atender um tipo público da melhor forma possível. Hotéis e motéis são as formas de meios de hospedagem mais conhecidas atualmente, pois podem ser encontradas em diversas partes do mundo. Normalmente, esses tipos de empreendimentos

atraem hóspedes de estadias curtas. Os hóspedes que procuram acomodações de longa permanência são atendidos por hotéis especializados em residências, flats ou apart-hotéis.

Para Beni (2000 apud ALDRIGUI, 2007), existem basicamente dois grupos de meios de hospedagens, os hoteleiros e os extra-hoteleiros. Recentemente Giaretta (2005) chamou os hotéis não tradicionais de “meios de hospedagem alternativos”.

A Organização Mundial do Turismo – OMT, (2001, p. 90) caracteriza como empreendimentos extra-hoteleiro as pensões e hospedarias e as define como um hotel, entretanto, estas não atingiriam as condições necessárias para serem consideradas como tal pela definição do MTur (BRASIL, 2013). Em reflexão, afirma-se que as pousadas também são caracterizadas como empreendimento extra-hoteleiros, por se tratarem de empreendimentos do setor de hospitalidade de pequeno porte. As pousadas conseguem oferecer um serviço bem mais personalizado e pessoal, com isso, os hóspedes que buscam esse tipo de hospedagem se sentem mais confortáveis.

O meio de hospedagem do tipo Bed and Breakfast é bastante conhecido nos Estados Unidos e na Europa (RAMOS, 2007), porém, no Brasil, a sua oferta ainda é muito pequena - o que torna novo o estudo sobre este segmento. Em contrapartida, poucas são as publicações acadêmicas existentes sobre o mesmo tema, tornando o trabalho, simultaneamente, inovador e desafiador. O Bed and Breakfast também é utilizado como uma forma de diária, onde o hóspede tem o direito de pernoitar em um hotel tradicional e ao café da manhã.

Partindo do princípio de que o *bed and breakfast* é um meio de hospedagem extra-hoteleiro, se pode afirmar que é um meio de hospedagem representado por uma casa ou hotel de pequeno porte que oferece lugar para pernoitar e café da manhã a um preço fixo (TAYLOR, 2004, p.11 apud MOREIRA, 2008, p.44).

A exemplo de vários países como França, Portugal, Chile, Alemanha, Dinamarca, Suécia e outros, o Brasil estabeleceu o seu sistema como estratégia para promover e assegurar a competitividade de mercado global altamente disputado (BRASIL,2010).

Juntamente com o Inmetro, a Sociedade Brasileira de Metrologia e a sociedade civil, o SBClass foi elaborado visando aumentar a competitividade do setor (BRASIL, 2010).

O SBClass estipulou 7 tipos de meios de hospedagem, partindo do princípio da multifatorialidade existente no cenário brasileiro. Considerando que cada tipo de meio de hospedagem reflete diferentes práticas de mercado e diferentes expectativas dos turistas, se pode afirmar que um *resort* cinco estrelas é diferente de uma pousada cinco estrelas. O sistema utiliza a consagrada e tradicional simbologia de estrelas para diferenciar as categorias.

Categoria	Nº mínimo de estrelas	Nº máximo de estrelas
Hotel	1	5
Hotel fazenda	1	5
Cama e café	1	4
Hotel Histórico	3	5
Pousada	1	5
Flat/Apart-Hotel	3	5
Resort	4	5

Tabela 1 – Categorias e números de estrelas. - **Fonte:** MTur, 2010. Adaptado.

A partir da tabela acima, pode-se constatar que os Cama e Cafés é o único meios de hospedagem que tem no máximo 4 estrelas, respeitando as suas especificidades. Também pode ser visto a preocupação com cada tipologia e as suas particularidades, e o entendimento por parte do MTur que os meios de hospedagem carregam características próprias, não sendo possível agrupa-los em um grande bloco, como acontecia na antiga classificação hoteleira.

O SBClass é de adesão voluntária pelos meios de hospedagem. O sistema está fundamentado em uma série de requisitos que devem ser atendidos pelos maiores meios de hospedagem. São eles: Infraestrutura, que diz respeito as instalações e aos equipamentos; Serviços, que vinculado à oferta de serviços; Sustentabilidade, que são as ações de sustentabilidade ambiental e social, entre algumas medidas pode-se citar: uso de recurso de maneira ambientalmente responsável, socialmente justa e economicamente viável, de forma com que o seu uso para o atendimento das necessidades atuais não comprometa a possibilidade de uso das futuras gerações (BRASIL,2010).

Os requisitos para a classificação são definidos em mandatórios, ou seja, de cumprimentos obrigatórios pelo meio de hospedagem, e eletivos, que são de livre escolha pelo mesmo. Para ser classificado na categoria pretendida, o meio de hospedagem necessita atender a 100% dos requisitos mandatórios e 30% dos requisitos eletivos, para cada conjunto de requisitos. A validade da classificação de 36 meses, a contar da data de concessão, e após 18 meses da concessão é feita uma vistoria para verificar a manutenção do atendimento aos pré-requisitos (BRASIL, 2010).

1.1 SUSTENTABILIDADE NO TURISMO

A transposição dos princípios norteadores de sustentabilidade, da teoria à prática, e a operacionalização do conceito de desenvolvimento sustentável tem representado um grande desafio para as diversas áreas de conhecimento, no sentido de implementar iniciativas e ações que gerem, simultaneamente, uma maior equidade social, um nível elevado de conservação ambiental e uma maior racionalidade (eficiência) econômica (BUARQUE, 2004; IRVING et al.,2005). As abordagens que resultam do interesse e da preocupação em conceber o turismo sob a ótica do desenvolvimento sustentável, bem como os seus desdobramentos socioeconômicos e ambientais, sob a averiguação da sustentabilidade, vêm

proporcionando inúmeras contribuições à reflexão e ao debate a respeito do mérito, bem como os rumos que se apresentam para essa atividade (PIRES,1998).

Ao longo dos anos, desde sua proposição no documento Nosso Futuro Comum da Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, produzido pela ONU (Organização das Nações Unidas) e apresentado no Relatório Brundtland em 1987, o termo “desenvolvimento sustentável” vem sendo amplamente utilizado e disseminado, tanto no debate acadêmico, intelectual, como no uso comercial de sua idéia. Quer seja denominado “eco desenvolvimento” ou “desenvolvimento sustentável”, a abordagem fundamentada na harmonização de objetivos sociais, ambientais e econômicos é adotada desde a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo (Suécia) no ano de 1972 e na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992 (Rio 92 ou Eco-92) no Brasil (SACHS,2002).

Os desafios reais do desenvolvimento sustentável são pelo menos tão heterogêneos e complexos quanto à diversidade de sociedades humanas e de ecossistemas naturais em todo o mundo. Como um conceito, sua maleabilidade permite permanecer uma ideia aberta, dinâmica e envolvente que pode ser adaptada a servirem muitas diferentes situações e contextos no espaço e no tempo. Do mesmo modo, sua abertura de interpretação permite aos participantes (de múltiplos níveis, de local ao global, de diversos setores da atividade em instituições de governo, negócios e da sociedade civil) a redefinir e a reinterpretar seu significado para adequar a sua própria situação (KATES, PARRIS e LEISEROWITZ,2005).

O caráter adaptativo, flexível e de ressonância do paradigma da sustentabilidade permite sua adaptação a situações locais diversas, ainda que também possibilita o uso inapropriado, puramente retórico e propagandístico (KATES, PARRIS e LEISEROWITZ,2005;VERAREBOLLO e VARSBAIDAL,2004). Desenvolvimento Sustentável tornou-se, portanto, o tema de atenção de agências internacionais humanitárias, o jargão de planejadores de desenvolvimento, o principal assunto de conferências, artigos e o slogan de movimentos e de ativistas ambientais (LÉLÉ,1991).

O ideário de desenvolvimento sustentável vem sendo amplamente questionado na academia, principalmente em função da pouca operacionalidade de ações sustentáveis, e da manutenção da estrutura de produção e acumulação capitalista (CANDIOTTO e CORRÊA, 2004). Em alguns momentos, o conceito é popularizado e banalizado, principalmente pelas empresas e o setor empresarial, objetivando o marketing sustentável do comprometimento com as questões ambientais e sociais. “O discurso político tende a privilegiar o sustentável, da mesma forma em que o pulveriza, em sentidos e significados diversos, transformando-os em utopia contemporânea” (IRVING et al., 2005, p.7).

Mesmo com inúmeras obras e reflexões sobre a temática do desenvolvimento sustentável, do ponto de vista operacional e de utilização, para Candiotto e Corrêa (2004,p.279), o termo “não passa de uma utopia vaga, de pouca aplicabilidade dentro da estrutura política e econômica mundial, onde predominam interesses neoliberais e imperialistas”. Por outro lado, Ranauro (2004) elucida que, se o desenvolvimento sustentável é uma utopia, então como utopia, deve-se encontrar mecanismos para sua implementação. “A lógica da transformação não pode ser baseada na lógica da situação, senão será a sua reprodução” (RANAURO, 2004, p.21). Buarque (2004) relata que os antecedentes históricos indicam que o conceito dedesenvolvimento sustentável não é apenas mais um modismo ou uma ideia brilhante da ONU, proferidas na Eco-92, mas uma construção teórica para organizar uma nova postura da sociedade diante dos desafios atuais e futuros, e consistente com o novo paradigma de desenvolvimento.

O desenvolvimento sustentável não nega o crescimento, mas se refere à necessidade de mudar a qualidade do crescimento. O desenvolvimento sustentável é um processo de transformação qualitativa que permite destacar o caráter operacional da sustentabilidade ao afastar este conceito de um estado utópico, dificilmente alcançável e argumento frequente para desqualificar as possibilidades reais de aplicação dos princípios de sustentabilidade (IVARS BAIDAL, 2001). Apesar de esta criativa ambiguidade e abertura para interpretação, o desenvolvimento sustentável tem envolvido um conjunto central de princípios e valores orientadores (KATES, PARRIS e LEISEROWITZ,2005).

A sustentabilidade por definição é uma complexa e ambiciosa meta motivadora de definição de políticas, compreendendo critérios ambientais, econômicos e sociais, equitativamente importantes para uma sociedade sustentável (SPANGENBERG e BONNIOT, 1998).

A transformação e a adaptação podem considerar-se como propriedades constitutivas da sustentabilidade, já que, no fundo, se trata de manter a capacidade co-evolutiva dos sistemas sociais naturais para fazer frente às flutuações e adaptar-se às transformações (JIMÉNEZ HERRERO, 2006). A simples existência da palavra sustentabilidade já permite agregar múltiplos significados, tais como: redistribuição de rendimentos; equidade de produção; manutenção dos ecossistemas; manutenção da resiliência natural e do homem; e redistribuição de poder. Cada um destes significados contém diferentes implicações para as ações necessárias (McCOOL, MOISEY e NICKERSON, 2001).

A questão ambiental induz transformações teóricas para o desenvolvimento do conhecimento em diversas disciplinas científicas, exigindo uma integração de conhecimentos e uma totalização do saber, de forma sistêmica, holística e interdisciplinar (LEFF, 2002). Desta forma, proponentes e analistas de desenvolvimento sustentável devem compreender as múltiplas dimensões da sustentabilidade e tentar desenvolver medidas, critérios e princípios para elas (LÉLÉ, 1991). O referencial de análise para o desenvolvimento sustentável deve ser holístico porque requer uma observação do comportamento da totalidade que envolve interações complexas entre os sistemas sociais, econômicos e ambientais (BUARQUE, 2004).

Como um processo holístico, o desenvolvimento sustentável requer uma união dialética indissociável entre teoria e prática (CUELLO NIETO, 1997). A aplicação prática de princípios e estratégias do desenvolvimento sustentável apresenta-se mais complexa e difícil que a simples incorporação de uma dimensão ambiental dentro dos paradigmas econômicos, dos instrumentos do planejamento e das estruturas institucionais que sustentam a racionalidade produtiva prevalecente. Estas considerações mostram a necessidade de novas práticas de uso integrado dos recursos, gerando uma reflexão sobre as bases epistemológicas para pensar a articulação das ciências e a produção de conhecimentos requerida pela teoria das

relações sociedade-natureza. O alcance dos propósitos do desenvolvimento sustentável e igualitário exige então um trabalho teórico e a elaboração de estratégias conceituais para a construção de uma racionalidade ambiental⁵ (LEFF,2002).

O desenvolvimento local sustentável é o processo de mudança social e elevação das oportunidades da sociedade, compatibilizando, no tempo e no espaço, o crescimento e a eficiência econômicos, a conservação ambiental, a qualidade de vida e a equidade social, partindo de um claro compromisso com o futuro e a solidariedade entre gerações (BUARQUE,2004).

Mas para que o desenvolvimento exista, são necessárias mais do que a simples acumulação de bens e serviços. Mudanças qualitativas de vida e na felicidade das pessoas são necessárias, incluindo dimensões sociais, culturais, estéticas e de satisfação de necessidades materiais e espirituais (GUIMARÃES,2001). Desta forma, o desenvolvimento local pode ser conceituado como um processo endógeno de mudança e, para ser consistente e sustentável, deve levar ao dinamismo e à viabilidade econômica, mobilizando e explorando as potencialidades locais e contribuindo para elevar as oportunidades sociais e, ao mesmo tempo, deve assegurar a conservação dos recursos naturais locais, que são as bases de suas potencialidades.

O desenvolvimento endógeno se caracteriza como uma forma específica de organização da produção, da integração da sociedade e das instituições nos processos produtivos e na capacidade de resposta do território e dos atores econômicos a um novo cenário econômico, político e institucional. O desenvolvimento endógeno é um processo de crescimento econômico e mudança estrutural, liderado pela comunidade local, que busca satisfazer as suas necessidades e demandas por meio de sua participação ativa nos processos de desenvolvimento (PADÍNFABEIRO, 2004).

O turismo sustentável foi definido pela OMT (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO, 2003, p. 24) como aquele que “atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro”. Assim, busca atender às atuais necessidades

econômicas, sociais e de qualidade de vida para o desenvolvimento regional, enquanto conserva os recursos naturais e mantém a integridade cultural da população local, promovendo a responsabilidade coletiva e a satisfação das expectativas dos turistas de maneira que a atividade possa continuar indefinidamente proporcionando os benefícios propostos (UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAME, 2003; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO,2003; UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAME/WORLD TOURISM ORGANIZATION,2005).

3 REFERÊNCIAS PROJETUAIS

3.1 HOTEL KATAMAMA – BALI, INDONÉSIA

Segundo o site Archidaily, o projeto do arquiteto Katamama, o primeiro hotel da Família PTT, grupo por trás do Potato Head Beach Club, confere um novo e mais amplo espaço para a empresa expor sua visão e criatividade. Um raro projeto envolvendo características artesanais em grande escala, o Hotel Katamama tem o poder de surpreender.

Elementos de projeto contemporâneos fazem referência ao estilo de vida de Bali e os exuberantes jardins refletem a beleza natural da ilha. O exterior do hotel é inspirado nos edifícios de Bali que recebem as práticas do tri angga, um conceito onde a estrutura espacial reflete a harmonia entre o edifício e seus usuários.

Katamama possui um lobby elevado que permite que os hóspedes tenham a vista da piscina e da paisagem do entorno. Quartos que ocupam os pavimentos mais baixos possuem vistas para o jardim. O objetivo do edifício era permitir que os convidados tenham um ângulo diferente da paisagem a cada pavimento do hotel.

“A ideia por trás do Katamama era representar Bali. Deveria ter esta atmosfera, mas contemporâneo ao mesmo tempo. O conceito principal é na verdade a arquitetura 'moderna' dos anos 60 e 70. Bastante geométrico. E especialmente hoje em dia onde quase todo hotel de Bali possui linhas curvas, este é um pouco incomum”, diz Matin.

O hotel possui interiores, objetos de decoração e mobiliário que refletem esta abordagem artesanal na hospitalidade. As paredes de tijolos aparentes têm destaque nas suítes juntamente com os grandes painéis de madeira utilizados nos pisos. Outros acabamentos das paredes incluem lâminas de madeira sólida e um acabamento rústico em tons pastéis. Os espaços principais são suítes projetadas para serem as mais abertas possíveis com o banheiro separado por uma série de painéis decorativos de correr que podem abrir para que o banheiro faça parte do espaço principal. Cada dormitório possui vistas em uma varanda que conta com uma

chaise, mesa e cadeiras para se tornar uma extensão do quarto, com os mesmos materiais cerâmicos que se estendem deste.



Figura1: Fachada - Hotel Katamama - Bali, Indonésia, **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>



Figura2: Restaurante - Hotel Katamama - Bali, Indonésia, **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>



Figura 2: Suíte 1 - Hotel Katamama - Bali, Indonésia, **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>



Figura3: Suíte 2 - Hotel Katamama - Bali, Indonésia, **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>



Figura4: Living - Hotel Katamama - Bali, Indonésia, **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>



Figura5: Bar - Hotel Katamama - Bali, Indonésia, **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>

3.2 CASA DE PRAIA – VICTORIA BEACH, CANADÁ

De CibinelArchitecture, totalmente exposta a espetaculares pores do sol e tempestades impressionantes, a casa de praia abraça os céus pradaria e paisagens mutáveis da água. Esta residência de 2000 m² foi projetada para ecoar a casa de campo vernacular desta comunidade à beira-mar. Harmonizando-se com a paisagem circundante, cedro e abeto foram usados no interior e exterior, e emitem a estética natural de um material de construção antiquíssimo.

Com um jogo de escala, as linhas baixas de telhado introduzem o visitante a espaços interiores altos que celebram uma visão panorâmica e uma linha do horizonte do oceano, da água e do céu. O interior se estende para fora através da cobertura com uma parede de janelas que se abrem para criar uma sensação de pórtico com uma cobertura em balanço e a brisa do verão.

O interior mostra a versatilidade das aplicações da madeira, mas também introduz uma estética de aço bruto e concreto; vigas de abeto sólido estão ancoradas em vigas de aço e um muro de concreto é construído com escada e chaminé incorporadas.



Figura 6: Deck - Casa De Praia – Victoria Beach, Canadá, **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>



Figura 7: Fachada - Casa De Praia – Victoria Beach, Canadá, **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>



Figura 8: Sala estar/jantar - Casa De Praia – Victoria Beach, Canadá, **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>



Figura 9: Suíte - Casa De Praia – Victoria Beach, Canadá, **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>



Figura 10: Lateral - Casa De Praia – Victoria Beach, Canadá, **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>

3.3 HOTEL HEDULI PADDY – GUANGDONG, CHINA

O projeto está na Vila Hedu em Huizhou. É uma área turística que integra ecoturismo, experiência agrícola e lazer. O edifício principal do projeto é reconstruído a partir dos edifícios demolidos da escola primária. O projeto é uma cooperação escola-empresa de caráter social cuja participação principal é do C & C DESIGN CO., LTD.

O projeto busca uma relação harmoniosa entre o homem e a terra, o respeito à civilização ecológica da terra, não fazer uma nova cidade, fazer uma morada poética sob a civilização moderna. Evitar negócios excessivos e impetuosos e a baixa homogeneização dos empreendimentos. A natureza e a simplicidade constituem o tom de todo o lugar, o lazer e a tranquilidade são a alma do local, a ecologia e a cultura agrícola são a vida aqui, e o terreno é o recurso mais valioso. Esperamos que através de nossos esforços, o projeto cumpra com o habitar, divertir e visitar ao mesmo tempo, iluminando a vitalidade rural para explorar a possibilidade de renascimento rural da modernidade.

O projeto possui 4000 m², 30 diferentes estilos de habitações temáticas, 3 casas unifamiliares integradas aos campos de arroz ou ladeiras, restaurante, escritório multidimensional. Entre diversas atividades, será possível ver as nuvens na montanha, visitar o parque agrícola durante a tarde e passear pelo campo verde à noite.



Figura11: Fachada - Hotel Heduli Paddy – Guangdong, China **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>.



Figura12: Fachada/Fundos - Hotel Heduli Paddy – Guangdong, China **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>.

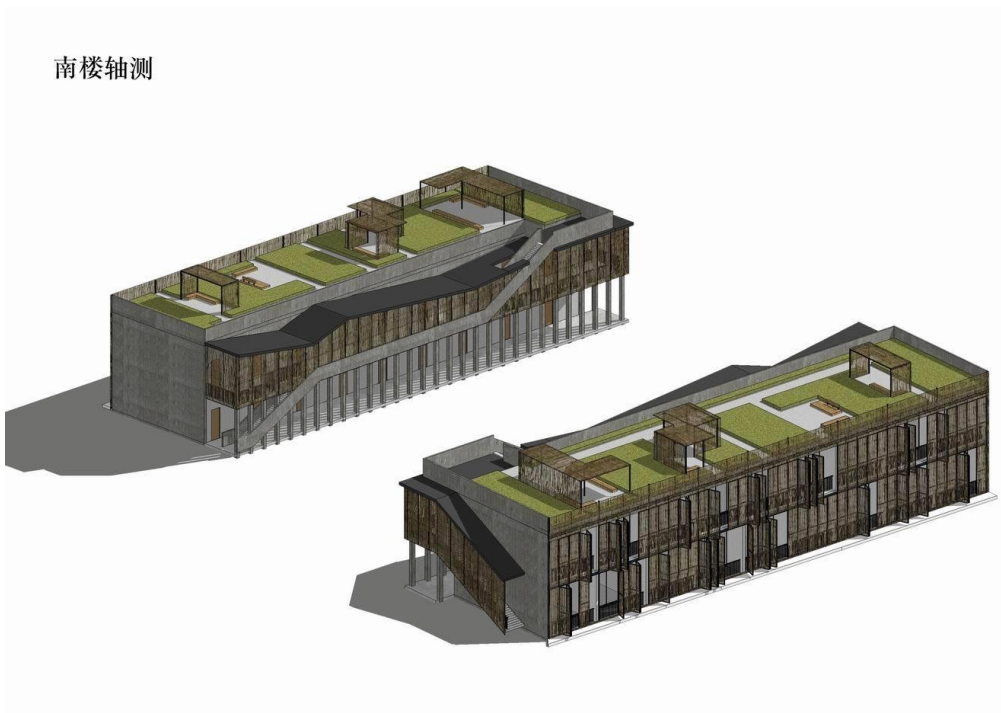


Figura13: Volumetria - Hotel Heduli Paddy – Guangdong, China **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>.

小学建筑改造示意图

学校建筑改造分两部分（内部空间，外部形象）
原则上保留原有的基本结构，视觉意向上考虑乡土性与当代性的结合。

首先在功能上，增加间墙，从而重新划分空间以实现客房功能。
南楼原走廊改造为面向稻田的景观阳台
北楼走廊保留，做为入户通道。除增加间墙外，不做结构性改造

建筑立面用竹帘作为表皮覆于建筑之外，使整个建筑感受如雕塑般强烈。竹帘疏密开合赋予了变化的可能。于外朦胧半透，于内光影如织。

南楼北面新增光影廊道，解决入户交通，并设计可直通屋面的阶梯。
丰富内庭空间感受。

南楼屋顶设计为星空花园，成为绝佳的观景之地。

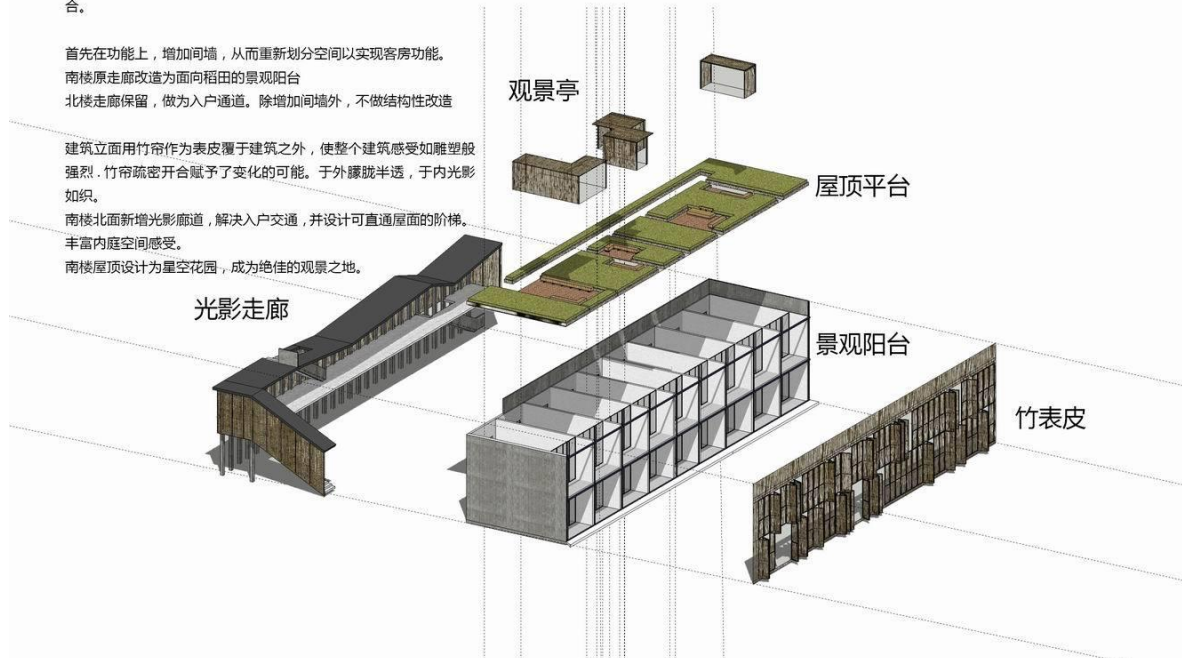


Figura14: Concepção Volumetrica - Hotel Heduli Paddy - Guangdong, China **Fonte:** <http://www.archdaily.com.br>.

4 CONTEXTO URBANO – ILHA DE COTIJUBA

4.1 HISTÓRICO

Ao longo dos anos a Ilha de Cotijuba passou por diversas transformações sociais. Frequentemente é vista como lugar de veraneio, com muitas praias à serem exploradas e um excelente local para descanso e lazer. Por outros é vista como um lugar decadente, desagradável e sem estrutura suficiente para o turismo. Nesse sentido, percebe-se uma variedade de pensamentos e opiniões à respeito da Ilha de Cotijuba, suas praias e seus habitantes, portanto é importante uma reflexão sobre o seu histórico e o contexto atual.

A partir de fontes históricas chegou-se à informação que Cotijuba havia funcionado ainda no século XVIII, por volta de 1784, um engenho para embranquecer arroz (*Oryzia sativa*) e este era chamado de Fazendinha. Tal engenho era de propriedade do Capitão Luís Pereira da Cunha, localizando-se próximo ao igarapé do Piri-Açu. Hoje temos apenas as ruínas desse engenho, as quais atraem pesquisadores, estudantes e turistas para a área, no entanto antigamente era espaço da produção e beneficiamento de uma cultura agrícola em Cotijuba (MELO,2010).

Já no início do século XIX, sua localização geográfica permitia proteger Belém de invasores. Assim a ilha participa historicamente de momentos de conflitos armados, quando abrigou tropas militares do governo que combatiam os rebeldes cabanos (MELO, 2010).

No início do século XX, destacou-se como o período de maior desenvolvimento econômico e social, quando passou a abrigar a Colônia Reformatória de Cotijuba (CRC); foi comprada pelo Desembargador Raimundo Nogueira de Faria, do juizado de direito da 4ª Vara do Supremo Tribunal de Justiça do Pará, que objetivava a construção de um educandário, uma colônia correcional, para menores abandonados e reintegrá-los à sociedade. O objetivo da construção do educandário seria justificado pela multiplicação da criminalidade infanto-juvenil em Belém, a partir de 1930, ocasionada pela estagnação econômica após o declínio da borracha. (SILVA, 2003).

No governo de Alexandre Zacarias de Assumpção (1951-1956), foi realizada uma reforma no sistema penitenciário do estado, onde na Ilha foi criado um presídio localizado no extremo norte da Ilha, num espaço até hoje denominado Pedra Branca que fica na Ponta de Baixo (na linguagem dos populares). O reformatório passou por reformas na década de 1963 e declinava desde o afastamento de seu fundador e durante os sucessivos governos vividos no Pará o reformatório foi definhando até que no governo do Major Alacid da Silva Nunes (1966-1971) virou um presídio, uma colônia penal que só foi desativada no governo de Aloysio da Costa Chaves (1975-1978), pois o mesmo construiu em 1977, a penitenciaria Fernando Guilhon, na vila de Americano, em Santa Izabel (MELO,2010).

A partir da implantação do educandário/ reformatório Nogueira de Faria, a ilha se transporta para um novo momento de sua história, perpassado pelo isolamento de menores infratores que ali desembarcavam vindos de Belém. Tal período fez com que Cotijuba povoasse o imaginário do habitante da capital, onde os rumores sobre torturas, fugas a nado e perseguições na mata de jovens infratores alocados no educandário lhe renderam o apelido de “ilha do diabo” (BELLO, 2012).

Até esse momento Cotijuba possuía como habitantes apenas poucos remanescentes das famílias que trabalhavam no engenho de arroz e os funcionários do educandário juntamente com seus jovens infratores residentes. Porém, durante o governo de Zacarias de Assumpção na década de 40 diversos lotes de terras foram cedidos pelo então governador às sete famílias japonesas vindas de Tomé-Açú para o plantio de pimenta do reino iniciando assim efetivamente o processo de ocupação da ilha (FARIA, 1945).

Segundo Silva (2003) foi em 1985 que começou a intensificação da ocupação de Cotijuba, principalmente na ponta sul, pois, neste referido ano a AMCIA – associação dos moradores da ilha de Cotijuba e adjacências passou a doar lotes a terceiros sem nenhum critério através de declarações de posse, o que influenciou no aumento populacional da ilha, pois, nessa década Cotijuba já passava a fomentar certo interesse dos moradores da capital paraense como uma possível área para descanso e lazer.

Com a chegada do turismo e sua inserção na economia de Cotijuba, outras atividades antes predominantes no território da ilha ficaram restritas às áreas mais distantes, como o plantio de frutas e hortaliças localizadas na ponta norte, pois, o turismo dinamizou a ocupação e uso do solo em toda a ponta sul, devido à beleza das praias e facilidade de acesso (BELLO, 2012).

Ivaldo Silva (2001) acrescenta que a partir da descoberta de Cotijuba para o turismo muita coisa mudou, muitos habitantes passaram a explorar a venda de comidas, prestação de serviços e demais atividades direcionadas ao atendimento do visitante em busca de uma melhor qualidade de vida e renda. Este autor explica que a mais profunda mudança foi alcançada com a implantação da linha fluvial pela prefeitura de Belém em 1994, que introduziu definitivamente o modelo de turismo massificado, configurando o território de Cotijuba a partir da ocupação desordenada, falta de planejamento político, invasão de áreas protegidas, especulação imobiliária e crescimento demográfico.

Guerra (2000) aponta o turismo como agente desencadeante da evolução urbana em Cotijuba, explicando que com a implantação dos serviços básicos de infraestrutura o turismo inseriu-se na economia local, aproveitando-se das belezas naturais e estabelecendo um novo ritmo de desenvolvimento local.

No ano de 1995, sob o governo do prefeito Hélio Gueiros foi elaborado uma proposta de plano diretor para a ilha, que segundo Silva (2003) acabou por esbarrar na burocracia e em interesses políticos, não seguindo em frente para aprovação da câmara de vereadores municipal, deixando mais uma vez Cotijuba ao sabor do desenvolvimento desordenado.

Em 25 de junho de 2000, foi construído pelo governo municipal um novo trapiche, porto hidroviário, denominado Poeta Antônio Tavernad, o qual recebe os fluxos que chegam à ilha, seja de pessoas ou de mercadorias. O porto substituiu o porto da Faveira (antigo ponto de embarque e desembarque na ilha construído pelos moradores) em quantidade de fluxo e tamanho. O resultado imediato foi o aumento dos fluxos já existentes em Cotijuba, bem como inúmeras transformações na organização territorial e conseqüentemente na paisagem geográfica do lugar. É o caso da construção de pequenos hotéis e pousadas, objetos construídos para fins

turísticos em Cotijuba, objetos que configuram como infra-estrutura razoável para os veranistas (MELO,2010).

Com a instalação, em julho de 2004, de uma usina termoelétrica, a qual funciona por meio de queima de óleo diesel e tem por objetivo fornecer energia para toda a ilha, desde a Faveira (sul da ilha) até a Pedra Branca (nordeste da ilha). Em geral, pode-se afirmar que a energia elétrica produzida na usina e distribuída pela Rede Celpa trouxe significativas mudanças no gênero de vida desta população (MELO, 2010).

O quadro a seguir mostra um resumo da trajetória de ocupação da ilha a partir dos usos e equipamentos que a mesma abrigou.

Período	Equipamento	Motivação	Características
1784	Engenho de branquear arroz (Oryzia sativa)	Condições físicas favoráveis	Moderno, um de apenas nove existentes no Pará na época
1835 a 1840 (Cabanagem)	Alojamento e Hospital Militar para brigada pernambucana combatente dos cabanos	Localização geográfica-estratégica do ponto de vista político e militar	Não se sabe sua localização exata, supõe-se que seja no "Poção"
Até 1930	Farol	Localização geográfica - estratégica para a navegação	Servia como sinalização náutica para viajante de Belém à ilha do Marajó
1932	Educandário "Nogueira de Faria"	Localização geográfica - isolamento da cidade	Moderno para época, uma edificação feita para abrigar quatrocentos menores de idade com boas instalações hidro-sanitárias
Final da década de 40	Cooperativa Mista de Cotijuba	política de colonização e incentivo à migração	Cultivava legumes, ovos, aves, frutas etc. Oito famílias japonesas refugiadas da 2ª Guerra Mundial eram responsáveis pela cooperativa, prestavam serviço à comunidade e ensinavam técnicas agrícolas para os alunos do educandário.
1968 a 1978	Presídio	Localização geográfica - isolamento da cidade	Antigo educandário, facilitava a fuga de presos uma vez que não tinha sido projetado com esta função. Período marcado por fatos violentos na ilha.
2000	Trapiche (Prefeitura Municipal de Belém)	Ampliar e melhorar o fluxo de passageiros e cargas entre o continente e a ilha.	Substitui o antigo trapiche da Faveira, facilita o turismo na ilha e é indutor de atividades econômicas
2004	Subestação de Energia elétrica	Fornecer energia elétrica para toda ilha de forma regular.	Substituiu o antigo sistema de geradores a diesel que não atendia à toda ilha e a integra ao serviço regular fornecido ao público pela concessionária a todo estado.

Tabela2: Uso e equipamentos ao passar dos anos. **Fontes:** SANTANA, 2002;PEREIRA, 2000; MELO, 2010(modificado).

4.2 LOCALIZAÇÃO

A área insular de Belém é formada por 43 Ilhas totalizando uma área territorial de 332,0367 Km², ou seja, 65, 64% de todo o território do município e está distribuída da seguinte maneira físico-espacial:

Ilhas do Norte: área formada por 15 ilhas;

Ilhas do Centro Leste: área formada por 3 ilhas;

Ilhas do Extremo Oeste: área que apresenta 17 ilhas, Cotijuba está localizada nesta porção da Belém insular;

Ilhas do Sul: área constituída por 8 ilhas.

Segundo informações da Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão (SEGEP Belém, 1997), a população que ocupa a parte insular do município é de aproximadamente 38.590 habitantes, com um recente aumento nas ilhas de Mosqueiro, Caratateua-Outeiro, Cotijuba e Combu. Caracteriza-se então que a dinâmica populacional, a infraestrutura, a social, a ambiental e a espacial das ilhas, estão associadas às relações estabelecidas com o espaço metropolitano do município de Belém.

Para os órgãos oficiais, Cotijuba é uma Ilha localizada geograficamente, entre a Ilhas do Marajó e as Ilhas de Jutuba e Paquetá, a margem direita do estuário do rio Pará, entre as baías do Marajó e do Guajará, apresentando uma forma alongada em direção ao Nordeste Sudeste (CODEM/SEGEP/SEURB - Diagnóstico do Plano Diretor de Cotijuba, 1997, p. 07). A Ilha apresenta uma extensão territorial aproximada a 1.600 hectares. A Ilha de Cotijuba localiza-se a 22 km da sede municipal e estava até 1948 (através da Lei Estadual de nº 158), vinculada administrativamente a Mosqueiro, hoje está vinculada ao DAOUT- Distrito Administrativo do Outeiro, através da lei Municipal de nº 7.682 de 1995, no entanto se percebe que a Ilha de Cotijuba sempre estabeleceu significativos fluxos e relações como o Distrito industrial de Icoaraci (de onde saem barcos em direção a Ilha).

No que diz respeito à população os dados não são muito coerentes, pois o censo demográfico de 1991 do IBGE aponta para um contingente populacional de aproximadamente 637 habitantes, já a FNS- Fundação Nacional da Saúde divulga 1.658 e a AMICIA (Associação dos Moradores da Ilha de Cotijuba e Ilhas Adjacentes apontam para 4.000 habitantes aproximadamente. Não foram feitas novas contagens na Ilha, mas estimasse que hoje a mesma apresente uma população de aproximadamente 5.000 pessoas e esse contingente aumenta em momentos específicos como feriados prolongados, fins de semana e férias (população volante).

A praia “Vai-quem-quer” é uma bela margem de areias branquinhas, banhada pela Baía do Marajó, localizada na ilha de Cotijuba, município de Belém do Pará.

Devido situar-se à cerca de 9km do porto da ínsula, apesar de ser o maior balneário da Ilha é o menos freqüentado.

Por causa da distância para chegar a esta praia é preciso utilizar-se de uma condução.

Cotijuba, desde 1990 foi transformada em Área de proteção Ambiental e tem orgulho de manter sua fauna e flora dentro dos padrões ecologicamente corretos.

5 DIAGNÓSTICO DA ÁREA

5.1 TERRENO E ENTORNO

O terreno selecionado para este projeto possui uma área de 2.327,6m², localiza-se na praia do vai-quem-quer, Ilha de Cotijuba, Belém, Pará. Durante a escolha do terreno buscou-se uma região da ilha onde houvesse considerável potencial turístico e, conseqüentemente, oferta de hospedagem, no intuito de contribuir para diversificação e competitividade desta. Optou-se então por um terreno localizado no lado oeste da praia, onde ficam localizadas pousadas, restaurantes e onde fica maior concentração de turistas nessa praia.



Figura 4: Mapa de localização do terreno Fonte: Autor

5.2 LEGISLAÇÃO

CÓDIGO DE EDIFICAÇÕES (Lei nº 7.400 de 25 de Janeiro de 1988)

Art. 59 - As edificações destinadas a hotéis e estabelecimentos congêneres, além de atenderem às exigências da presente lei e das demais disposições que lhes forem aplicáveis, deverão:

I - ter, além dos apartamentos ou quartos, dependências de vestíbulo, com local para instalação de portaria e sala-de-estar;

II - ter vestiário e instalação sanitária privativos para o pessoal de serviço;

III - ter em cada pavimento instalações sanitárias separadas por sexo, na proporção de um vaso sanitário, um chuveiro e um lavatório, no mínimo, a cada 72,00m² (setenta e dois metros quadrados) ou fração, quando não possuam sanitários privativos;

IV - ter dispositivos de combate a incêndio, nos termos das normas vigentes.

Parágrafo Único - Nos hotéis e estabelecimentos congêneres, as cozinhas, copas, lavanderias e despensas, quando houver, deverão ter as paredes, até a altura do teto, e pisos revestidos com material liso, lavável e impermeável.

PLANO DIRETOR

De acordo com o atual Plano Diretor do Município de Belém (2008) no Art. 87, relativo ao Macro zoneamento do território belenense, a ilha de Cotijuba ficou dividida em área urbana (ZAU 1- Zona de Ambiente Urbano) e área natural (ZAN 1 e 2 -Zona de Ambiente natural) juntamente com as ilhas de Mosqueiro e Caratateua:

Art. 88 A Zona do Ambiente Urbano 1 (ZAU 1) apresenta ocupação rarefeita, inexistência de infra-estrutura e presença de vegetação significativa (ANEXO V)

§1º. A ZAU 1 tem como objetivos:

I - garantir a qualidade ambiental;

II - promover a ocupação horizontal de baixa densidade;

III - manter parte da vegetação, assegurando a paisagem natural;

IV - implementar infra-estrutura mínima;

V - dinamizar atividades de turismo, cultura e lazer.

§2º. São diretrizes da ZAU 1:

- I - promover a estruturação do sistema viário e áreas de uso coletivo;
- II - promover atividades de cultura, esporte e lazer, nas áreas de uso coletivo;
- III - estimular as atividades de comércio e serviços locais;
- IV - implementar mecanismos de combate à retenção imobiliária.

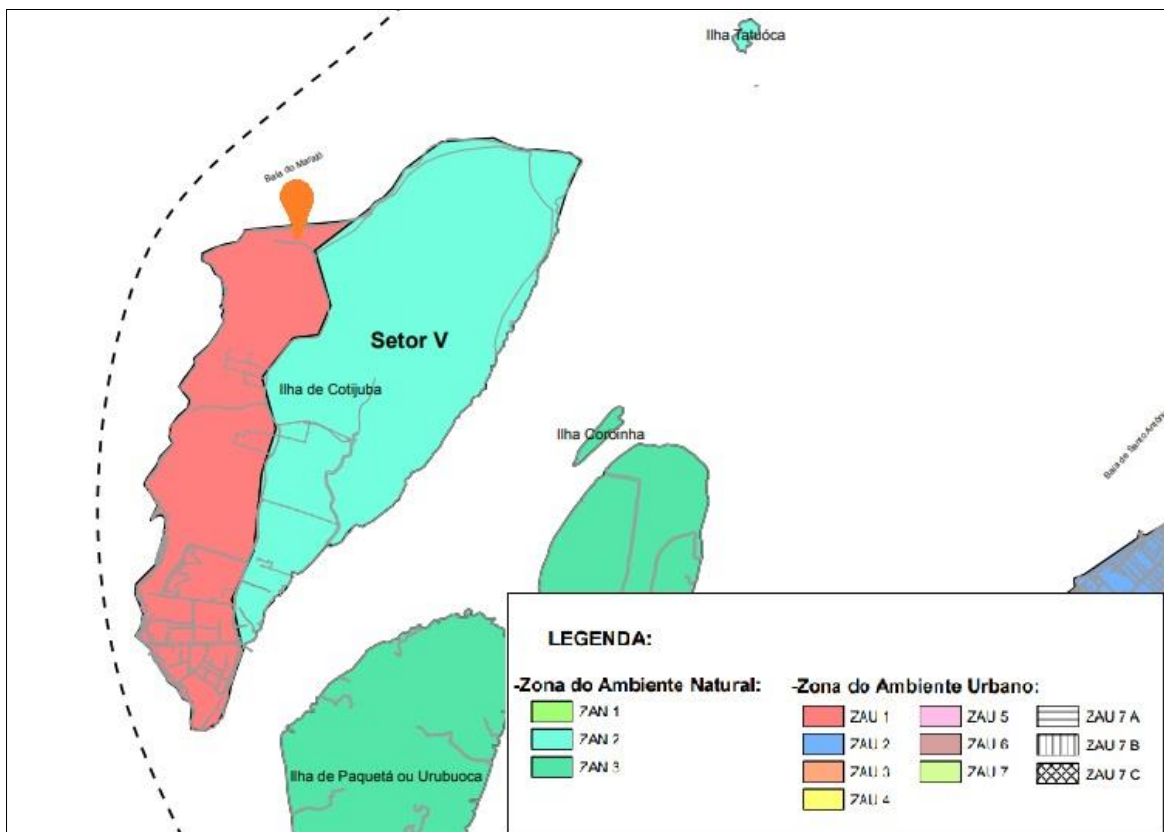


Figura 5: Mapa do macro zoneamento - Ilha de Cotijuba **Fonte:** Prefeitura de Belém (Modificado)

6 PROJETO

6.1 PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa de necessidades de um *hostel* pode ser bastante diversificado. Porém, apesar de se encontrar considerável heterogeneidade, identifica-se uma setorização comum na maioria desses estabelecimentos. Por meio da análise de estudos de caso, foi possível, portanto, elaborar um programa que se estrutura da divisão de cinco setores: setor administração, uso comum, hospedagem, uso misto e serviços. Todas devem seguir as exigências e recomendações da Federação Brasileira de Albergues da Juventude (FBAJ) e da *Hostellinig Internacional*.

SETOR ADMINISTRAÇÃO

Setor que reúne áreas de parte administrativa e organizacional do *hostel*, como a recepção, guarda volumes, quarto de plantão e administração, com sala para gerência e reuniões. A recepção dos albergues deve funcionar 24 horas, realizando *check-in* dos hóspedes e o controle de acesso durante todo o tempo. Próximo à recepção, há uma área de depósito de bagagens, controlada pela recepção, para o armazenamento de pertences dos hóspedes em caso de necessidade. Além disso, deve haver um quarto de plantão com conexão direta à recepção, destinada ao descanso do funcionário que estará trabalhando durante a madrugada na recepção do albergue.

SETOR ADMINISTRAÇÃO			
AMBIENTES	ÁREA MÍNIMA m ²	QUANTIDADE	TOTAL m ²
RECEPÇÃO	36,00	1	36,00
GUARDA VOLUMES	4,00	1	4,00
QUARTO DE DESCANÇO	6,40	1	6,40
GERÊNCIA	7,50	1	7,50
SALA DE REUNIÃO	18,15	1	18,15
WC ACESSIVEL MASCULINO	3,00	1	3,00
WC ACESSIVEL FEMININO	3,00	1	3,00

Tabela 3: Setor Administração – Programa de Necessidades **Fonte:** autor

SETOR HOSPEDAGEM

Setor de hospedagem engloba todas as tipologias de acomodações disponíveis no *hostel*: quartos coletivos, quartos família, quartos casais, quartos acessíveis e os quartos coletivos ou compartilhados, que podem hospedar grupos de 4, 6 e 8 pessoas, equipados com beliches e armários. Com exceção dos quartos quádruplos, as acomodações coletivas não possuem banheiros privativos. Além disso, esses quartos se dividem em 3 tipos: misto; para grupo de pessoas do sexo masculino e feminino, feminino e masculino. Já os quartos família são acomodações com cama de casal e uma cama extra, com banheiro privativo, idealizado para um casal com filho. Os quartos duplos ou de casal, são voltados para pessoas que buscam maior privacidade, assim como na tipologia família, esses também possuem banheiros próprios. Em relação aos quartos acessíveis, são acomodações, com duas camas de solteiro e banheiros acessíveis que buscam atender pessoas com mobilidade reduzida.

SETOR HOSPEDAGEM			
AMBIENTES	ÁREA MÍNIMA m ²	QUANTIDADE	TOTAL m ²
QUARTOS DUPLOS/CASAL	27,00	4	108,00
QUARTOS FAMÍLIA	27,00	2	54,00
QUARTOS QUÁDRUPLUS MISTOS	27,00	2	54,00
QUARTOS QUÁDRUPLUS FEMININOS	27,00	1	27,00
QUARTOS QUÁDRUPLUS MASCULINOS	27,00	1	27,00
QUARTOS SÊXTUPLUS MISTOS	27,00	2	54,00
QUARTOS SÊXTUPLUS FEMININOS	27,00	1	27,00
QUARTOS SÊXTUPLUS MASCULINOS	27,00	1	27,00
QUARTOS ÓCTUPLUS MISTOS	27,00	2	54,00
QUARTOS ÓCTUPLUS FEMININOS	27,00	1	27,00
QUARTOS ÓCTUPLUS MASCULINOS	27,00	1	27,00
QUARTOS ACESSÍVEIS	27,00	2	54,00
WCS COLETIVOS FEMININOS	13,14	2	26,28
WCS COLETIVOS MASCULINOS	13,14	2	26,28

Tabela 4: Setor Hospedagem – Programa de Necessidades **Fonte:** autor

SETOR SERVIÇO

Setor de serviço é composto por áreas de serviços em geral: Governança, vestiários, lavanderia, copa e estar para funcionários, cozinha, depósitos para alimentos e bebidas, almoxarifado e lixo. Na sala da governança é onde se organiza a parte administrativa dos serviços. Além disso, há uma copa com área de estar para os funcionários realizarem as refeições e utilizarem durante os intervalos do expediente. Já a lavanderia é um espaço equipado para lavagem e secagem das roupas de cama de uso na hospedagem, sendo restrita a utilização por empregados do *hostel*. O almoxarifado, depósito de lixo, são voltados para os armazenamentos de produtos de limpeza em geral, para alimento e para lixo, respectivamente.

SETOR SERVIÇOS			
AMBIENTES	ÁREAMÍNIMA ^m ²	QUANTIDADE	TOTAL ^m ²
ALMOXARIFADO	9,60	1	9,60
WC/VESTUÁRIO FEMININO FUNCIONÁRIOS	12,90	1	12,90
WC/VESTUÁRIO MASC. FUNCIONÁRIOS	12,90	1	12,90
LAVANDERIA	26,50	1	26,50
COPA/ESTAR FUNCIONÁRIOS	17,30	1	17,30
DEPOSITO DE BEBIDAS	4,10	1	4,10
DEPOSITO DE COMIDAS	7,10	1	7,10
COZINHA	34,00	1	34,00
LIXO	7,40	1	7,40

Tabela 5: Setor Serviços – Programa de Necessidades **Fonte:** autor

SETOR USO COMUM

Setor de uso comum inclui lobby, biblioteca/living, lavanderia coletiva, cozinha coletiva, refeitório, deck/piscina e redário. O lobby é um espaço de estar e espera, que também pode ser utilizado como espaço de alguma outra atividade em grupo organizada pelo *hostel*. Já as áreas de convivência e lazer internas serão ambientes voltados para a socialização dos turistas, e moradores locais. Equipados com sinuca, redário, espaço para TV e com acesso à internet.

SETOR USO COMUM			
AMBIENTES	ÁREAMÍNIMA ^{m²}	QUANTIDADE	TOTAL ^{m²}
LOBBY	68,45	1	68,45
REDÁRIO/LIVING	80,00	1	80,00
LAVANDERIA COLETIVA	26,30	1	26,30
COZINHA COLETIVA	30,00	1	30,00
REFEITÓRIO	52,50	1	52,50
DECK/PISCINA	492,30	1	492,30

Tabela 6: Setor Uso Comum – Programa de Necessidades **Fonte:** autor

SETOR USO MISTO

Setor de uso misto é composto pelo Pub / restaurante e unidade comercial. O Pub/restaurante é área aberta ao público, com acesso por meio de deck de madeira à praia do Vai-quem-quer e, portanto, pode ser utilizada tanto pelos hóspedes quanto pelos habitantes locais. Assim como o espaço comercial, permitindo acesso de todos e incentivando o comércio de produtos locais e regionais.

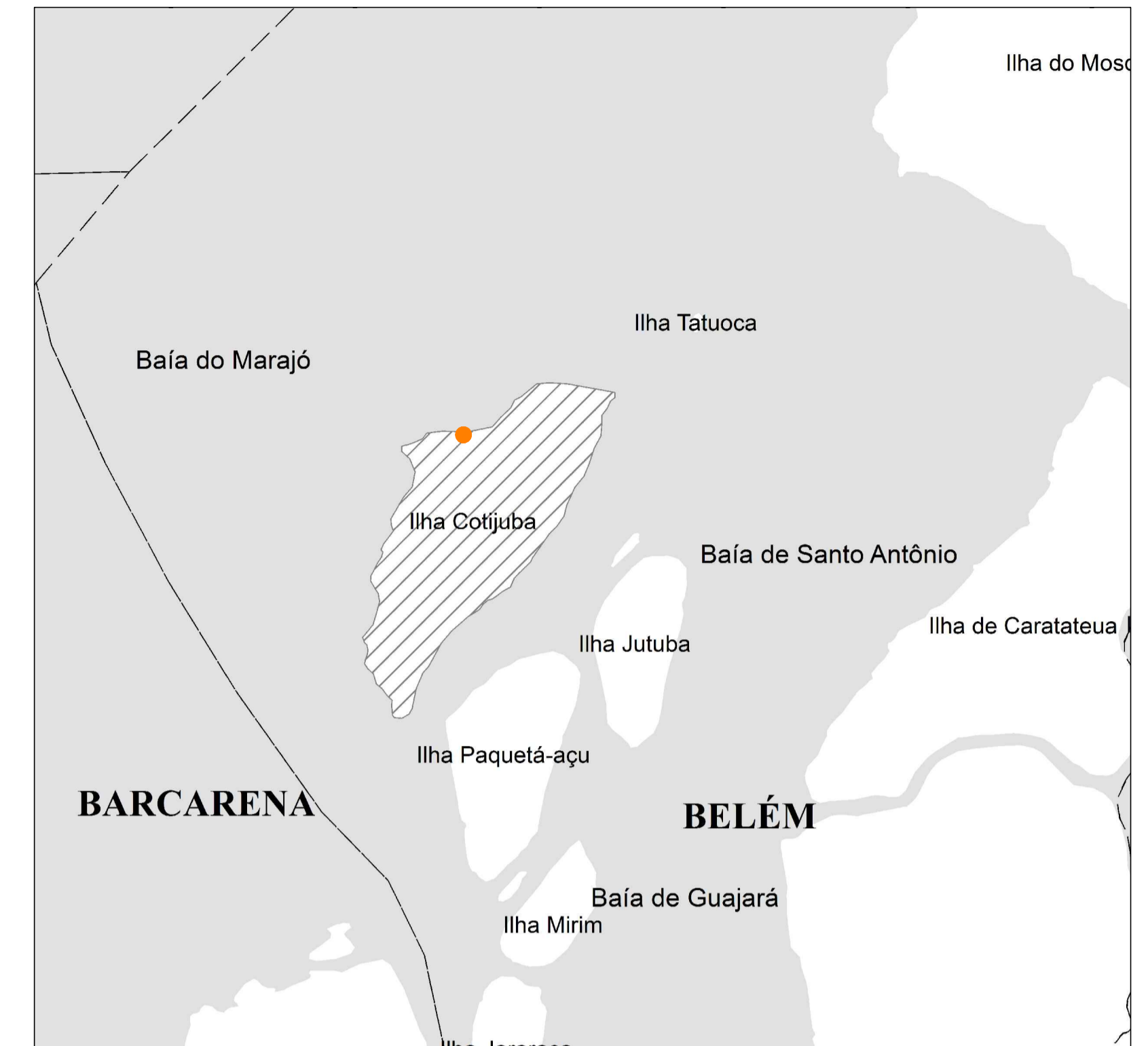
SETOR USO MISTO			
AMBIENTES	ÁREAMÍNIMA ^{m²}	QUANTIDADE	TOTAL ^{m²}
PUB/RESTAURANTE	154,00	1	100,00
ESPAÇO COMERCIAL	29,30	1	29,30
WC ACESSÍVEL FEMININO	13,00	1	13,00
WC ACESSÍVEL MASCULINO	13,00	1	13,00

Tabela 7: Setor Uso Misto – Programa de Necessidades **Fonte:** autor

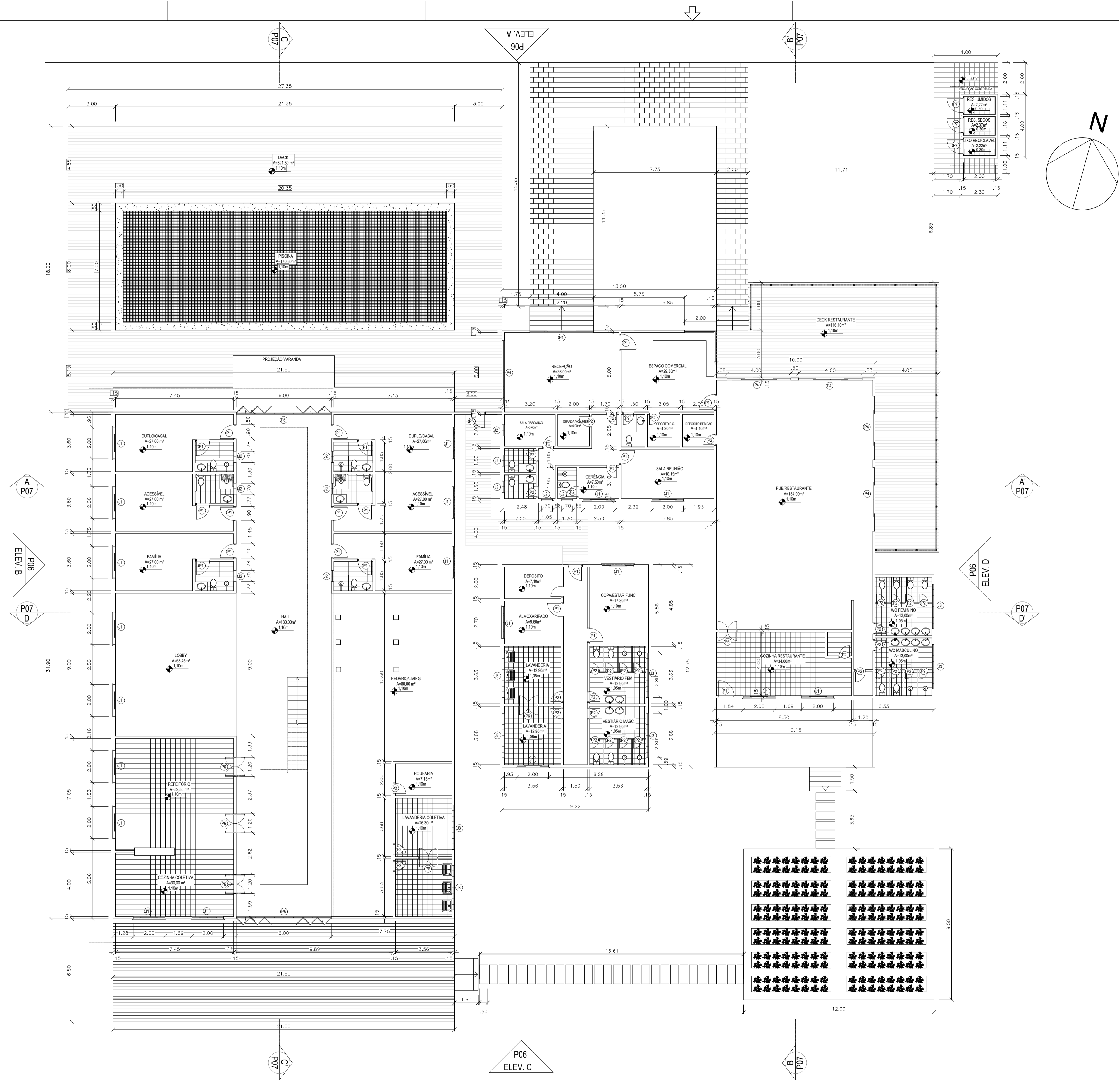
6.2 DESENHOS TÉCNICOS



PLANTA DE SITUAÇÃO
ESCALA 1:500



	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE TECNOLOGIA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO		
	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO		
	ANTEPROJETO DO HOSTEL TRILHA DOURADA, LOCALIZADO EM COTIJUBA (PA)		
PLANTA DE SITUAÇÃO			
DISCENTE: ALESSANDRA DE NAZARÉ POMPEU ORIENTADOR: PROF. DR. RONALDO CARVALHO	DATA: 07/2019	ESCALA: INDICADA	PRONOME: 01/10



QUADRO DE ESQUADRIAS

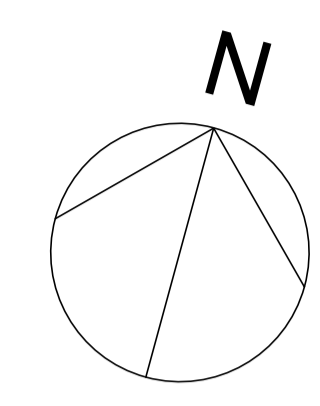
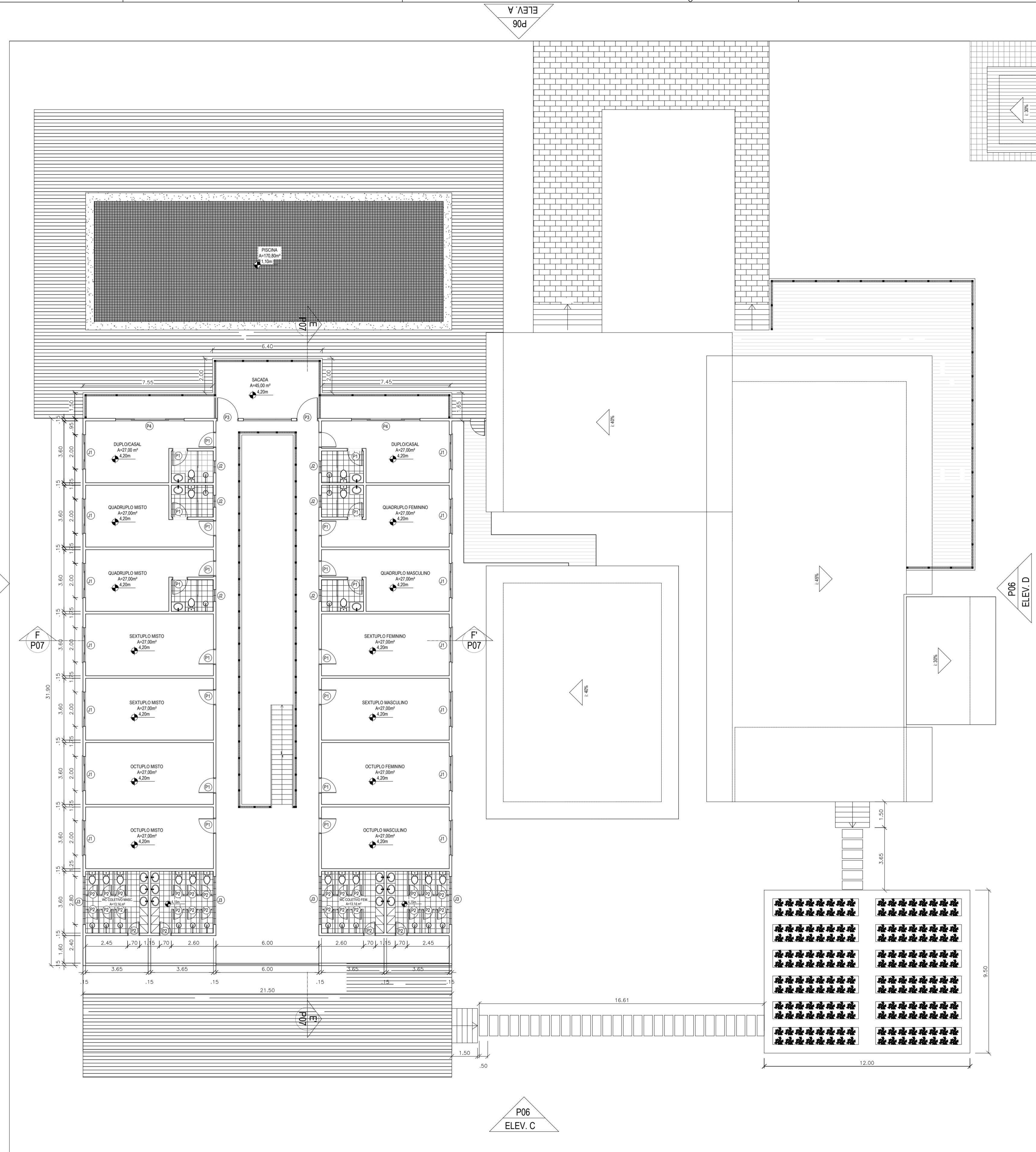
PORTAS			
	DIMENSÕES	ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
P1	0,90 x 2,10m	ABRIR MADEIRA	40
P2	0,70 x 2,10m	ABRIR MADEIRA	35
P3	1,20 x 2,10m	ABRIR MADEIRA	2
P4	4,00 x 2,10m	CORRER MADEIRA/VIDRO	8
P5	6,00 x 2,10m	CAMARÃO MADEIRA/VIDRO	2
P6	1,20 x 2,10m	ABRIR (VAI E VEM) MADEIRA	4

JANELAS			
	DIMENSÕES/PEITORIL	ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
J1	2,00 x 1,20m/0,90	CORRER MADEIRA/VIDRO	33
J2	0,70 x 0,35m/0,90	2 COBOGOS PERFORADOS 0,35x0,35m	17
J3	3,20 x 0,35m/0,90	8 COBOGOS PERFORADOS 0,35x0,35m	12

PLANTA BAIXA PAVIMENTO TÉRREO
ESCALA 1:125

FORMATO A1 INTERNO: 805 x 574 mm.
EXTERNO: 840 x 594 mm.

	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE TECNOLOGIA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO ANTEPROJETO DO HOSTEL TRILHA DOURADA, LOCALIZADO EM COTIJUBA (PA)
PLANTA BAIXA TÉRREO	
DISCENTE: ALESSANDRA DE NAZARÉ POMPEU ORIENTADOR: PROF. DR. RONALDO CARVALHO	DATA: 07/2019 ESCALA: INDICADA PRONOME: 03/10



QUADRO DE ESQUADRIAS

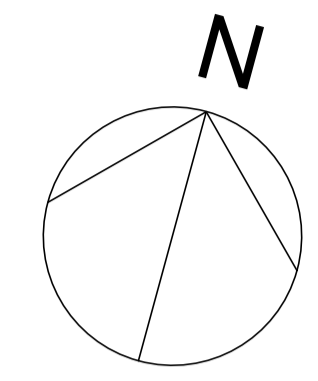
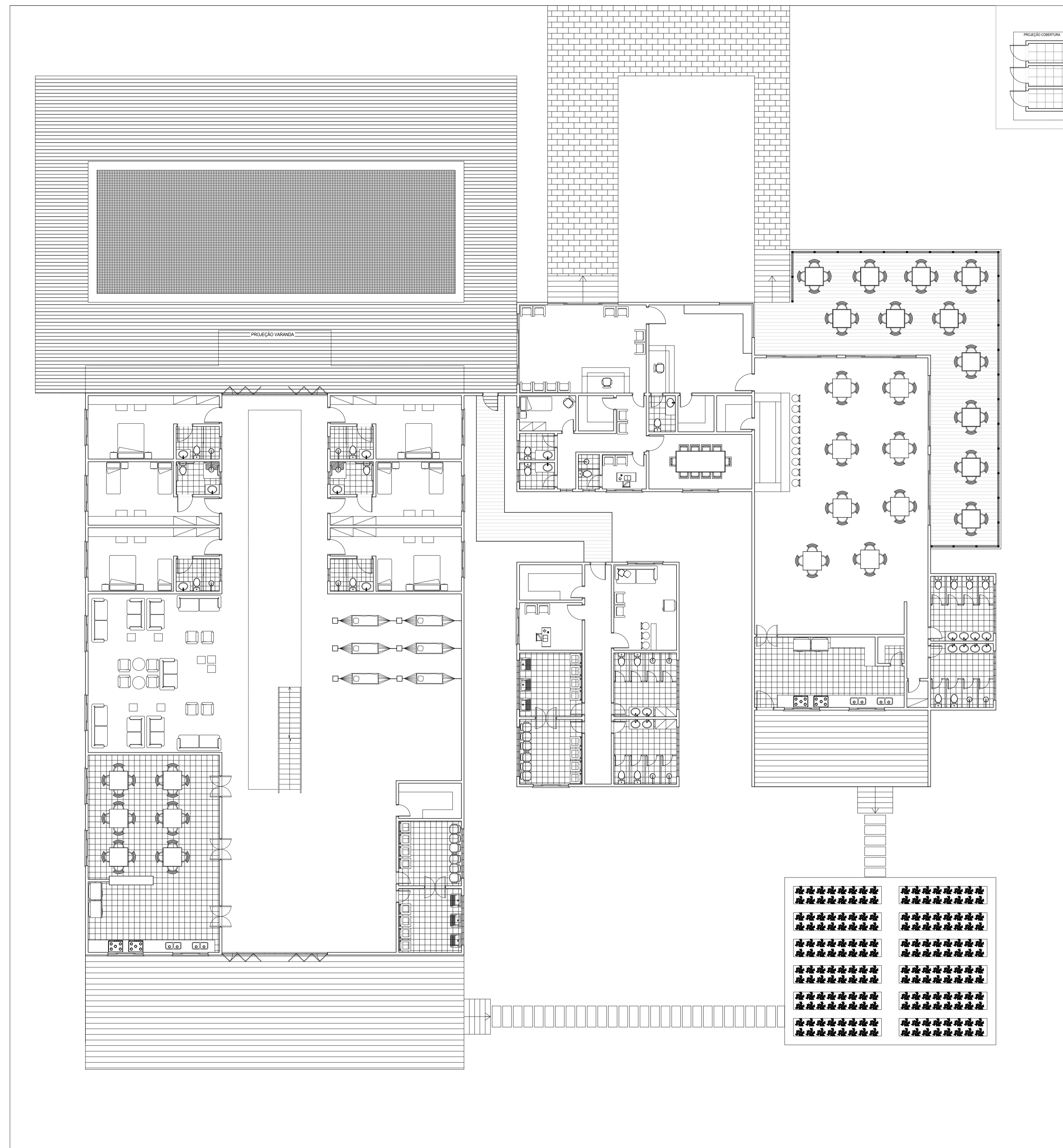
PORTAS			
	DIMENSÕES	ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
P1	0.90 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	40
P2	0.70 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	35
P3	1.20 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	2
P4	4.00 x 2.10m	CORRER MADEIRA/VIDRO	8
P5	6.00 x 2.10m	CAMARÃO MADEIRA/VIDRO	2
P6	1.20 x 2.10m	ABRIR (VAI E VEM) MADEIRA	4

JANELAS			
	DIMENSÕES/PEITORIL	ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
J1	2.00 x 1.20m/0.90	CORRER MADEIRA/VIDRO	33
J2	0.70 x 0.35m/0.90	2 COBOGÓS PERFURADOS 0.35x0.35m	17
J3	3.20 x 0.35m/0.90	8 COBOGÓS PERFURADOS 0.35x0.35m	12

PLANTA BAIXA SEGUNDO PAVIMENTO
ESCALA 1:125

	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE TECNOLOGIA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO		
	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO		
ANTEPROJETO DO HOSTEL TRILHA DOURADA, LOCALIZADO EM COTIJUBA (PA)			
PLANTA BAIXA SEGUNDO PAVIMENTO			
DISCENTE: ALESSANDRA DE NAZARÉ POMPEU ORIENTADOR: PROF. DR. RONALDO CARVALHO	DATA: 07/2019	ESCALA: INDICADA	PRORAMA: 04/10

FORMATO A1 INTERNO: 805 x 574 mm.
EXTERNO: 840 x 594 mm.



QUADRO DE ESQUADRIAS

PORTAS			
	DIMENSÕES	ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
P1	0.90 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	40
P2	0.70 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	35
P3	1.20 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	2
P4	4.00 x 2.10m	CORRER MADEIRA/VIDRO	8
P5	6.00 x 2.10m	CAMARÃO MADEIRA/VIDRO	2
P6	1.20 x 2.10m	ABRIR (VAI E VEM) MADEIRA	4

JANELAS			
	DIMENSÕES/PEITORIL	ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
J1	2.00 x 1.20m/0.90	CORRER MADEIRA/VIDRO	33
J2	0.70 x 0.35m/0.90	2 COBOGÓS PERFORADOS 0.35x0.35m	17
J3	3.20 x 0.35m/0.90	8 COBOGÓS PERFORADOS 0.35x0.35m	12

LAYOUT PAVIMENTO TÉRREO
ESCALA 1:125

	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE TECNOLOGIA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
ANTEPROJETO DO HOSTEL TRILHA DOURADA, LOCALIZADO EM COTIJUBA (PA)	
LAYOUT TÉRREO	
DISCENTE: ALESSANDRA DE NAZARÉ POMPEU ORIENTADOR: PROF. DR. RONALDO CARVALHO	DATA: 07/2019 ESCALA: INDICADA PRONÓIA: 05/10

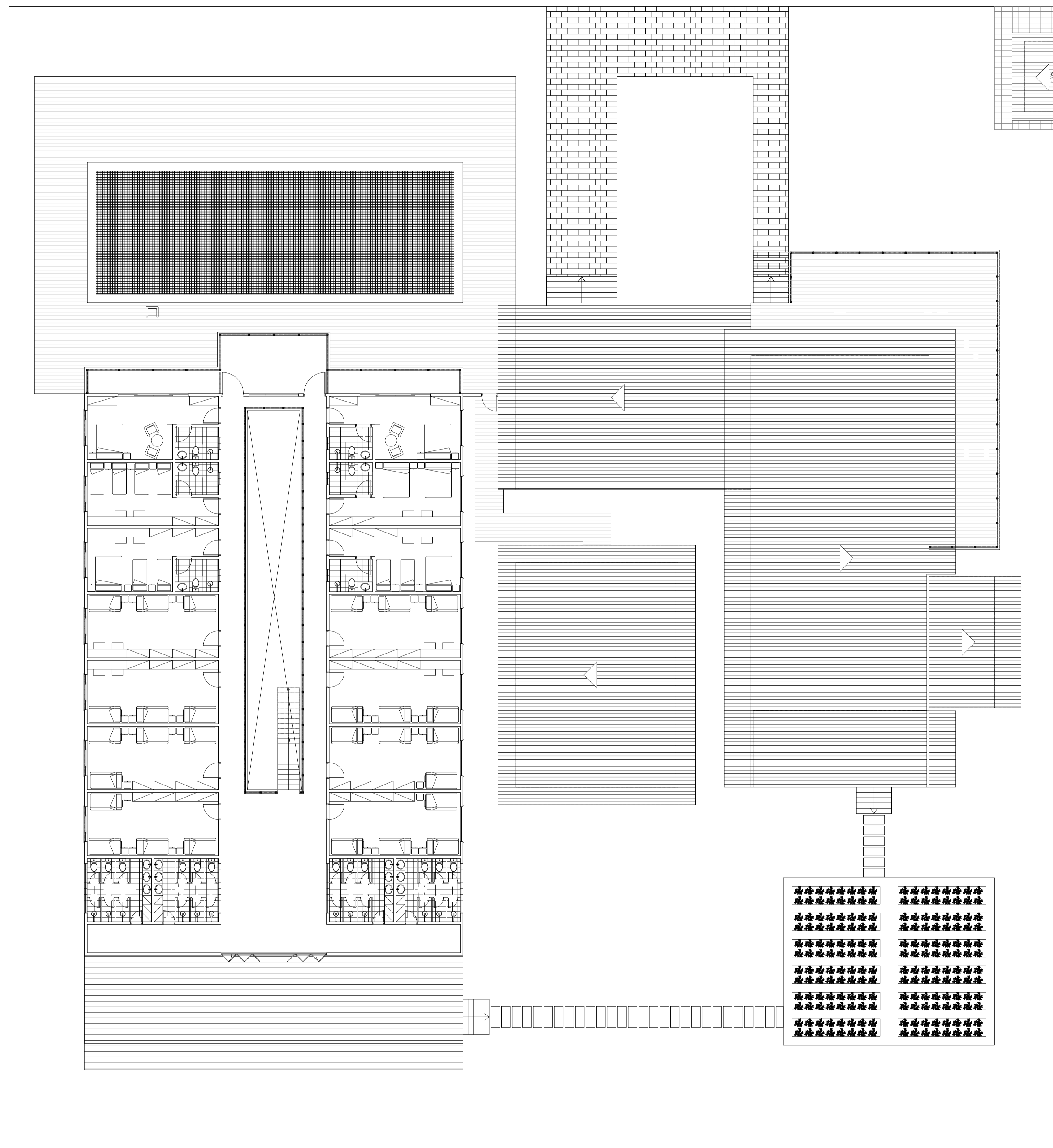
FORMATO A1 INTERNO: 805 x 574 mm.
EXTERNO: 840 x 594 mm.




QUADRO DE ESQUADRIAS

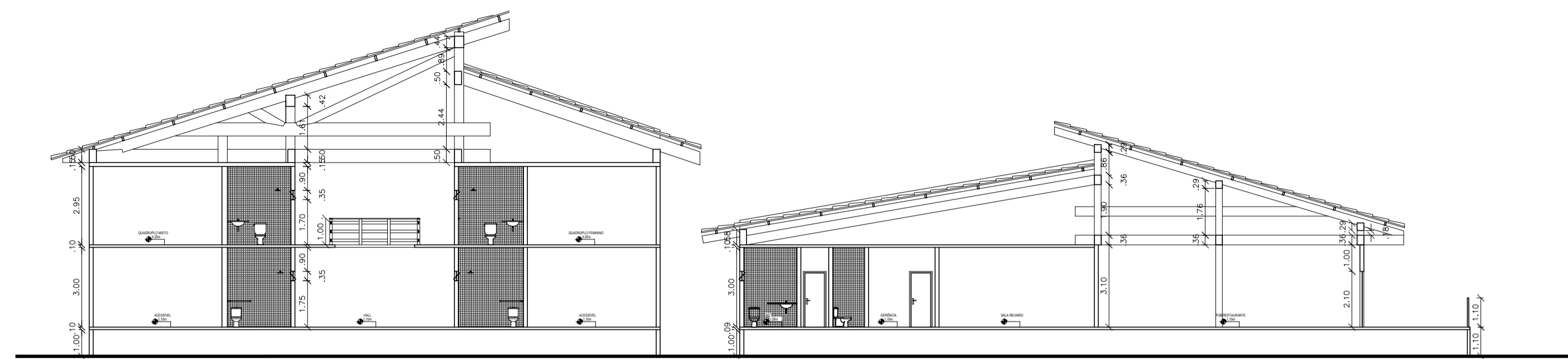
PORTAS			
	DIMENSÕES	ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
P1	0.90 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	40
P2	0.70 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	35
P3	1.20 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	2
P4	4.00 x 2.10m	CORRER MADEIRA/VIDRO	8
P5	6.00 x 2.10m	CAMARÃO MADEIRA/VIDRO	2
P6	1.20 x 2.10m	ABRIR (VAI E VEM) MADEIRA	4

JANELAS			
	DIMENSÕES/PEITORIL	ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
J1	2.00 x 1.20m/0.90	CORRER MADEIRA/VIDRO	33
J2	0.70 x 0.35m/0.90	2 COBOGÓS PERFURADOS 0.35x0.35m	17
J3	3.20 x 0.35m/0.90	8 COBOGÓS PERFURADOS 0.35x0.35m	12

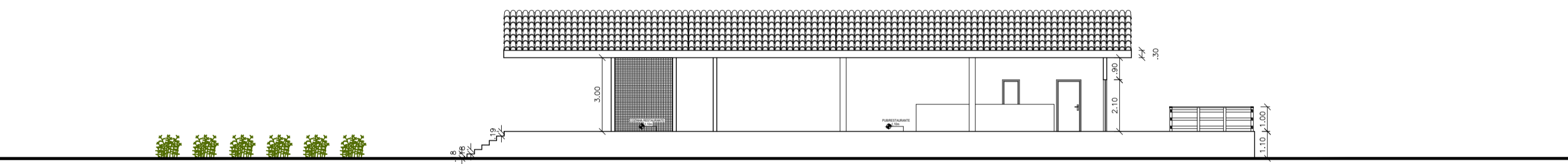


LAYOUT SEGUNDO PAVIMENTO
ESCALA 1:125

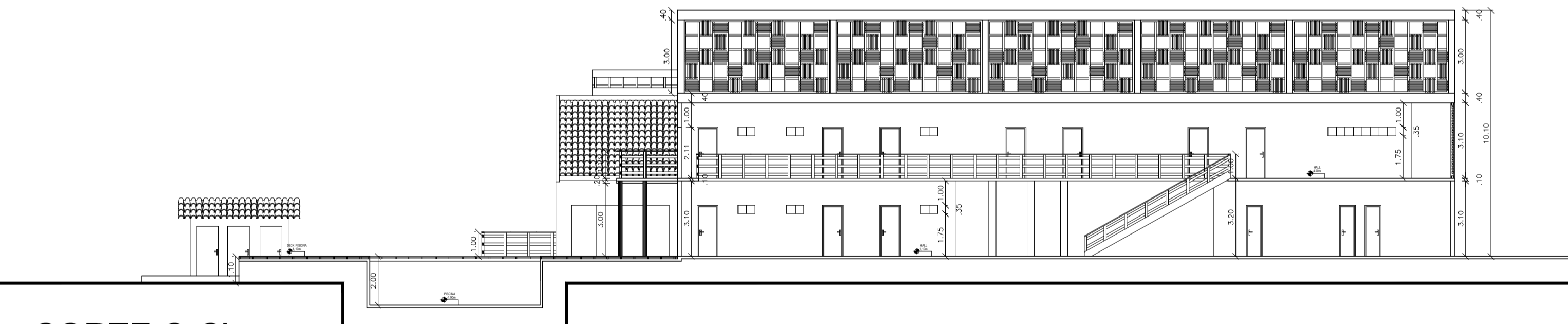
	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE TECNOLOGIA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO		
	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO		
ANTEPROJETO DO HOSTEL TRILHA DOURADA, LOCALIZADO EM COTIJUBA (PA)			
LAYOUT SEGUNDO PAVIMENTO			
DISCENTE: ALESSANDRA DE NAZARÉ POMPEU ORIENTADOR: PROF. DR. RONALDO CARVALHO	DATA: 07/2019	ESCALA: INDICADA	PRORAMA: 06/10



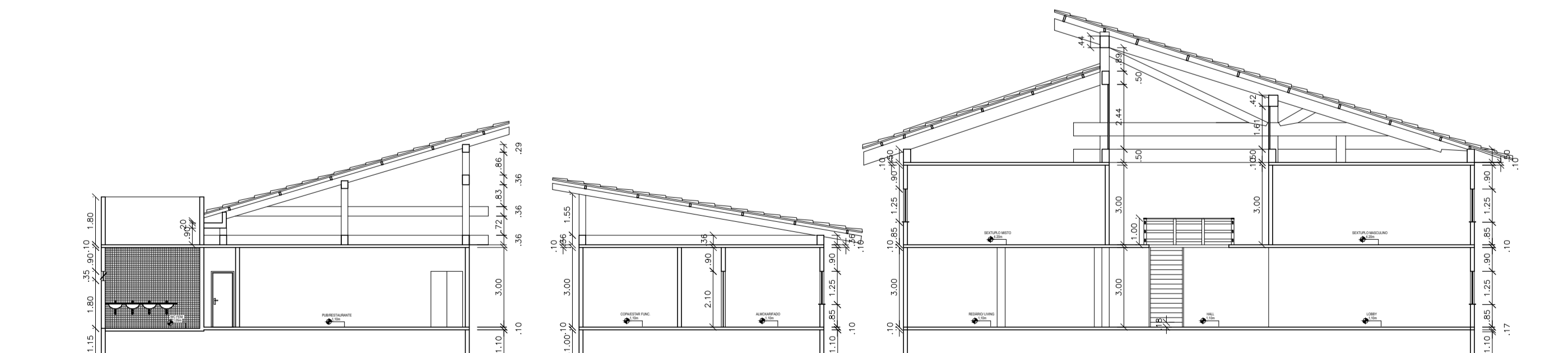
CORTE A-A'
ESCALA 1:125



CORTE B-B'
ESCALA 1:125



CORTE C-C'
ESCALA 1:125



CORTE D-D'
ESCALA 1:125

QUADRO DE ESQUADRIAS

PORTAS			
	DIMENSÕES	ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
P1	0.90 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	40
P2	0.70 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	35
P3	1.20 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	2
P4	4.00 x 2.10m	CORRER MADEIRA/VIDRO	8
P5	6.00 x 2.10m	CAMARÃO MADEIRA/VIDRO	2
P6	1.20 x 2.10m	ABRIR (VAI E VEM) MADEIRA	4

JANELAS			
	DIMENSÕES/PEITORIL	ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
J1	2.00 x 1.20m/0.90	CORRER MADEIRA/VIDRO	33
J2	0.70 x 0.35m/0.90	2 COBOGOS PERFORADOS 0.35x0.35m	17
J3	3.20 x 0.35m/0.90	8 COBOGOS PERFORADOS 0.35x0.35m	12

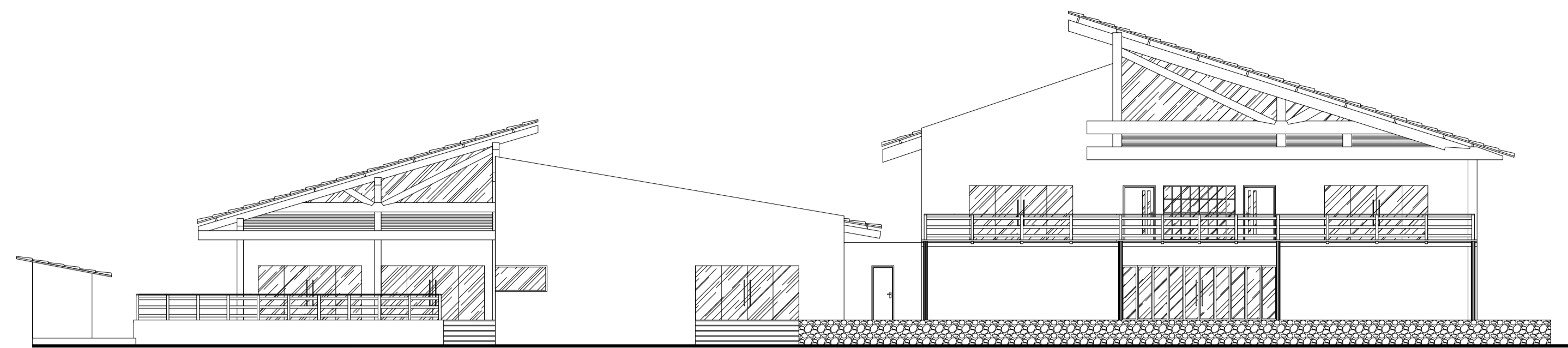


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

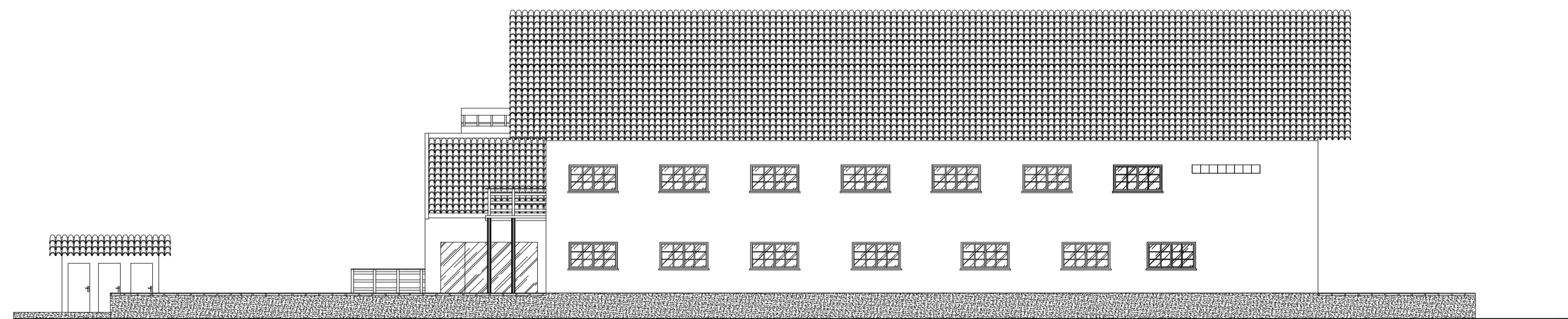
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

ANTEPROJETO DO HOSTEL TRILHA DOURADA, LOCALIZADO EM COTIJUBA (PA)

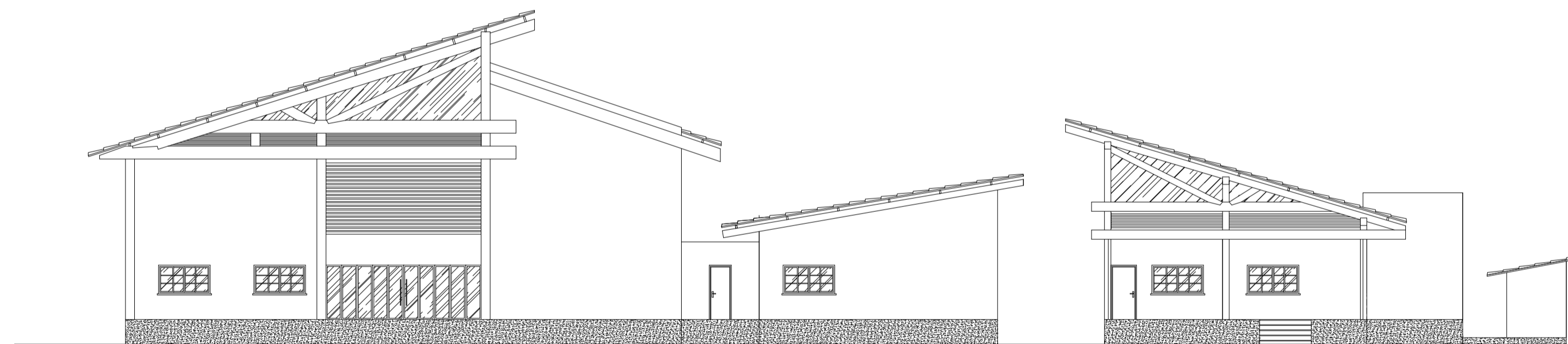
CORTES



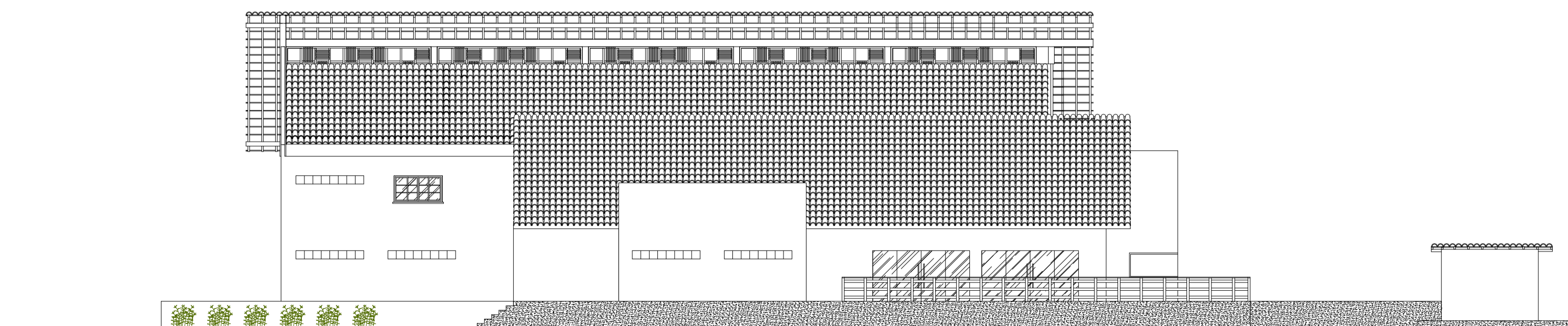
ELEVAÇÃO A
ESCALA 1:125



ELEVAÇÃO B
ESCALA 1:125



ELEVAÇÃO C
ESCALA 1:125



ELEVAÇÃO D
ESCALA 1:125

QUADRO DE ESQUADRIAS

PORTAS			
	DIMENSÕES	ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
P1	0.90 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	40
P2	0.70 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	35
P3	1.20 x 2.10m	ABRIR MADEIRA	2
P4	4.00 x 2.10m	CORRER MADEIRA/VIDRO	8
P5	6.00 x 2.10m	CAMARÃO MADEIRA/VIDRO	2
P6	1.20 x 2.10m	ABRIR (VAI E VEM) MADEIRA	4

JANELAS			
	DIMENSÕES/PEITORIL	ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
J1	2.00 x 1.20m/0.90	CORRER MADEIRA/VIDRO	33
J2	0.70 x 0.35m/0.90	2 COBOGÓS PERFORADOS 0.35x0.35m	17
J3	3.20 x 0.35m/0.90	8 COBOGÓS PERFORADOS 0.35x0.35m	12

	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE TECNOLOGIA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO		
	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO		
ANTEPROJETO DO HOSTEL TRILHA DOURADA, LOCALIZADO EM COTIJUBA (PA)			
ELEVAÇÕES			
DISCENTE: ALESSANDRA DE NAZARÉ POMPEU ORIENTADOR: PROF. DR. RONALDO CARVALHO	DATA: 07/2019	ESCALA: INDICADA	PRORINHA: 08/10



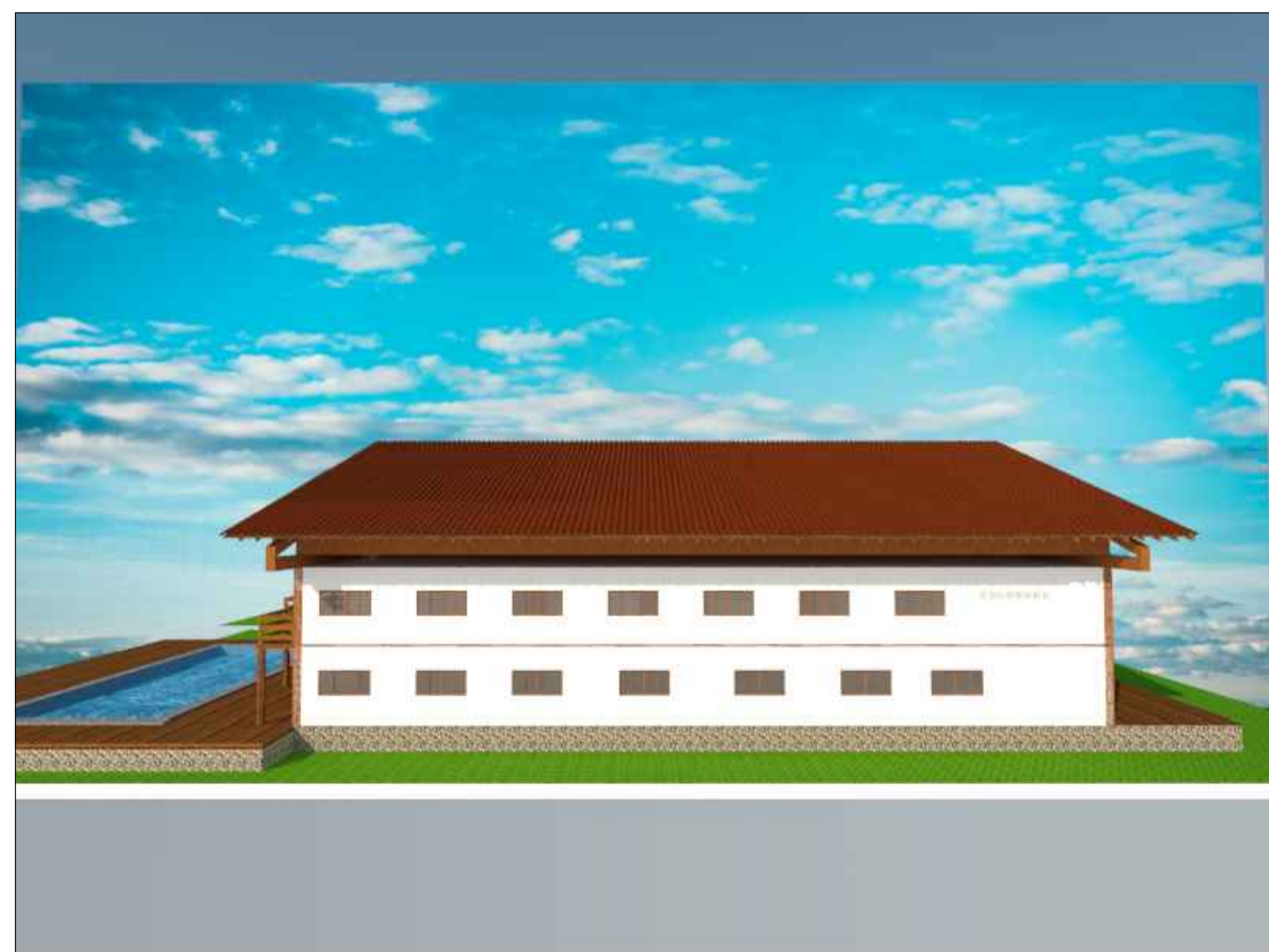
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO


TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

ANTEPROJETO DO HOSTEL TRILHA DOURADA, LOCALIZADO EM COTIJUBA (PA)

IMAGENS 3D - 1

DISCENTE: ALESSANDRA DE NAZARÉ POMPEU	DATA: 07/2019	ESCALA: INDICADA	PRONHA: 09/10
---------------------------------------	---------------	------------------	---------------



	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE TECNOLOGIA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO		
	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO		
ANTEPROJETO DO HOSTEL TRILHA DOURADA, LOCALIZADO EM COTIJUBA (PA)			
IMAGENS 3D - 2			
DISCENTE: ALESSANDRA DE NAZARÉ POMPEU ORIENTADOR: PROF. DR. RONALDO CARVALHO	DATA: 07/2019	ESCALA: INDICADA	PÁGINA: 10/10

REFERÊNCIAS

ABIH - Associação Brasileira da Indústria de Hotéis. Hotéis e hóspedes. Disponível em: . Acesso em: 13 nov. 2008.

ABRASTUR – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE COOPERATIVAS E CLUBES DE TURISMO SOCIAL. Objetivos do turismo social. Disponível em: . Acesso em: set. 2008.

ANJOS, Sara Joana Gadotti dos. Serviços integrados no turismo: um modelo de gestão para o setor de hotelaria. Tese de doutorado em Engenharia de Produção, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2004.

AOQUI, Cássio. Desenvolvimento do segmento backpacker no Brasil sob a ótica do marketing de turismo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2005.

APAJ – Associação Paulista de Albergues da Juventude. Disponível em: Acesso em: ago. 2008.

AZEVEDO, João Humberto; MENDES, Tânia. Negócios Compartilhados. Revista Brasileira de Administração, set/out 2008. p. 55-59. BALANZA, Isabel Mílio; NADAL, Monica Cabo. Marketing e comercialização de produtos turísticos. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

BARBETTA, Pedro Alberto. Estatística aplicada as ciencias sociais.. 2.ed. revisada Florianopolis: Editora da UFSC. 1998.

CAMPOMAR, Marcos Cortez. Do uso de “estudo de caso” em pesquisas para dissertações e teses em administração. Revista da Administração, São Paulo v.26, n. 3, p. 95-97, julho/setembro 1991. Disponível em: . Acesso em: jun. 2009.

CAMPOS, Luiz Cláudio de A. Menescal; GONÇALVES, Maria Helena Barreto. Introdução a turismo e hotelaria. Rio de Janeiro: SENAC, 1998.

CASTELLI, Geraldo. Excelencia em hotelaria: uma abordagem pratica. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1994.

FBAJ – FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ALBERGUES DA JUVENTUDE. Histórico e Filosofia. Trecho disponível em: Acesso em: mai. 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MINAYO, M. Cecilia de S. et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1994. MOTA, Camilla; SERANTES, Tamara. Os melhores albergues do mundo.

Revista Viagem e Turismo, v. 161, n. 3, p.105-107, mar. 2009.

NAISBITT, John. Paradoxo global. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
OSMAN, Ricardo. 3 projetos sociais notam 10. Pequenas Empresas & Grandes Negócios, n. 223, p.42-46, ago. 2007.

LEFF, E. Epistemologia ambiental. Tradução de Sandra Valenzuela. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 240p.

LÉLÉ, S.M. Sustainable Development: a critical review. World Development, Pergamon Press, Oxford, Great Britain, v.19, n.6, p.607-621, jun. 1991.

LUCHIARI, M.T.D.P. Turismo e território: sustentabilidade para quem? In: BARRETO, M.; TAMANINI, E. Redescobrimo a ecologia no turismo. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p.111-125.

MACHADO, E.V. Turismo, paisagem e ambiente: o viés do desenvolvimento sustentável – algumas notas como contribuição ao debate. In: RODRIGUES, A.B. (Org.). Turismo e Ambiente: reflexões e propostas. 3a. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p.68-75.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. Guia de desenvolvimento do turismo sustentável. Tradução de Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2003. 168p.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE TURISMO. Indicadores de desarrollo sostenible para los destinos turísticos: guía práctica. Madrid: OMT, 2005. 545p.